



**FAMECOS**  
NOVOS DESAFIOS  
NOVAS SOLUÇÕES

**Este arquivo faz parte do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social, que disponibiliza para consulta a Dissertação abaixo. O exemplar impresso está disponível na Biblioteca da Universidade.**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**EM BUSCA DA SATISFAÇÃO:  
UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO E DOS LAÇOS DE SOCIALIDADE  
DOS FÃS DOS ROLLING STONES VIA COMUNIDADES VIRTUAIS**

**DANIELA RECHE SELISTRE**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

**Prof. Dr. Francisco Eduardo Menezes Martins**

**Orientador**

**Data da defesa: 13 de janeiro de 2006**

**Instituição Depositária:**

**Biblioteca Ir. José Otão**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

**Porto Alegre, dezembro de 2005**

Dedico esse trabalho a meu avô, Arthur Reche (*in memorium*), pelo exemplo de vida; a meu pai, Claiton Selistre, e a minha mãe, Cleri Ana Reche Selistre, pelo amor incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

A meus avós, pais, irmãos, tios, primos e sobrinhas, que são a melhor família que alguém pode ter.

A minha tia Cleonice Reche, pelo incentivo e pela confiança.

A minha grande amiga Isabel Guimarães, pela força, pelas conversas, pelo apoio e pela presença constante em meus melhores e piores momentos.

A minha grande amiga Paula Puhl, pelo brilho da amizade e carinho, e pelo estímulo para iniciar minha vida acadêmica.

A meu orientador, Prof. Dr. Francisco Menezes, por compreender minhas dificuldades.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A TRAJETÓRIA DOS ROLLING STONES: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL.....	
1.1 A época.....	17
1.2 O começo.....	20
1.3 A imagem.....	25
1.4 Os sinais da fama.....	29
1.5 Megaestrelato.....	34
2 O ROCK E O IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO.....	
2.1 O rock.....	39
2.2 A identificação.....	41
2.3 O tribalismo.....	45
2.4 O imaginário.....	49
2.5 Laços de socialidade.....	53
2.6 O ciberespaço.....	58
2.6.1 As comunidades virtuais.....	65

2.7 O Orkut.....	69
3 O MUNDO IMAGINAL DOS ROLLING STONES NAS COMUNIDADES DO ORKUT.....	72
3.1 Sentimentos compartilhados em rede: A socialidade em torno dos totens virtuais dos Stones.....	78
3.2 Cimento Social e Tribalismo: A expectativa dos fãs para o show no Rio de Janeiro.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92

## ANEXOS

Anexo 1: Capa do disco Rolled Gold – the very best of The Rolling Stones.....	xx
Anexo 2: Contracapa do disco Rolled Gold – the very best of The Rolling Stones.....	xx
Anexo 3: Página de abertura da comunidade “Rolling Stones that’s it!” .....	xx
Anexo 4: Página de abertura da comunidade “Eu vou no show dos Stones”.....	xx
Anexo 5: Descrição dos fóruns de discussão dentro das comunidades .....	xx
Anexo 6: Descrição dos fóruns de discussão dentro das comunidades .....	xx
Anexo 7: Descrição dos fóruns de discussão dentro das comunidades .....	xx

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo a análise da comunicação e da socialidade dos fãs da banda The Rolling Stones, utilizando como objeto de estudo as comunidades virtuais inseridas na rede de relacionamentos *Orkut*. As novas tecnologias de comunicação atuam cada vez mais na cultura contemporânea. Em sua manifestação no espaço das redes e no espaço social da pós-modernidade, este trabalho buscará discutir a influência da tecnologia na formação da socialidade dos fãs da banda. Vamos abordar como a música e a imagem da banda se manifestam no processo tribal entre os fãs. Essa relação se dá através do intercâmbio constante entre tecnologia e a própria sociedade. A partir das constatações do novo processo de tribalização, que se modifica a partir da criação das comunidades virtuais, vamos estudar como a virtualização atinge as modalidades do estar-junto. Para isso serão utilizadas algumas noções descritas na obra de Michel Maffesoli, como Tribalismo, Presenteísmo, Identificação e Imaginário, em articulação com os estudos sobre o ciberespaço e as comunidades virtuais realizados pelos autores Pierre Lévy, Howard Rheingold e André Lemos.



## ABSTRACT

This work has as aim to analyze the ways of communication and socialization of fans of The Rolling Stones band. The object of such study are some virtual communities of the online social networking *Orkut*. The goal is to discuss the influence of technology on building sociality of the band fans. We will approach the way the music and the image of the band are manifested in the tribal process that involves fans. This relationship is based on the permanent interchange between technology and the society itself. From the verification of the new process of tribalization, we will study the way in which virtualization hits the ways of being together. For this purpose, we will use some notions by Michel Maffesoli, as Tribalism, Presenteism, Identification and Imaginary. These notions are articulated with studies about cyberspace and virtual communities by authors such Pierre Lévy, Howard Rheingold and André Lemos.



## INTRODUÇÃO

O rock entrou em minha vida praticamente na mesma época em que descobri que o jornalismo corria em minhas veias. Na infância passada pelos corredores do prédio do jornal Zero Hora, à espera de meu pai para os almoços de domingo, idas à praia ou passeios pelo Parque Marinha, me descobri apaixonada pela profissão dos transmissores de notícias. No mesmo período, instigada por um LP<sup>1</sup> duplo de capa preta com alguns garotos cabeludos na capa, perguntei a meu pai porque havia apenas um disco, ao invés de dois: “Deixamos no sol depois de uma festa e derreteu”, foi a resposta que recebi, o suficiente para aguçar ainda mais minha curiosidade. E foi a primeira vez que coloquei em minha vitrola vermelha portátil um disco “de gente grande” para tocar. Era *Rollad Gold- the very best of the Rolling Stones* (Anexos 1 e 2), lançado em 1975, coincidentemente, o mesmo ano em que nasci. Durante toda a adolescência, a paixão pela banda foi se tornando maior. Novos LPs foram acrescentados à coleção de meu pai, agora comprados por mim. A ida a dois shows da banda, um no Rio de Janeiro e outro em Buenos Aires, na Argentina, foi a concretização de um sonho acalentado desde a época dos muitos “por quês”.

A pesquisa realizada aqui, de certa forma, apresenta o levantamento de alguns questionamentos que, já na vida adulta, sempre me inquietaram. O principal deles é de como uma banda com tanto tempo de história continua conquistando fãs e lotando

estádios. No caso dos Rolling Stones, um grupo formado há mais de 40 anos, as tribos – para utilizar a noção maffesoliana – já estavam ligadas através da energia criativa da arte, dos fãs-clubes e dos encontros esporádicos em shows. Mas a nova tecnologia, representada pela Internet<sup>2</sup>, parece ter facilitado o alcance destes grupos a informações em relação aos artistas, assim como a aproximação entre fãs de todas as partes do mundo, através das comunidades virtuais. Dentro desse panorama tecnológico, as comunidades virtuais<sup>3</sup> apresentam-se como cenário de um novo tipo de socialidade – outra noção desenvolvida por Maffesoli – que está em processo no mundo contemporâneo. Uma socialidade que é vibrante, fluida, na qual a identificação e o gosto comum levam os indivíduos a compartilharem emoções. Como diz o autor, uma outra lógica do estar-junto:

(...) a pós-modernidade inaugura uma nova forma de solidariedade social, que não é mais racionalmente definida (...) e se elabora a partir de um processo complexo feito de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões. Coisas que têm uma forte carga estética. (1999, p. 15)

As novas tecnologias de comunicação e informação atuam cada vez mais na cultura contemporânea. Em sua manifestação no espaço das redes e no espaço social da pós-modernidade, este trabalho buscará discutir a influência da tecnologia na

---

<sup>1</sup> LP sigla de Long Play, disco de vinil com menos músicas, em contraposição a EP, Extended Play.

<sup>2</sup> A Internet assim como se conhece atualmente, é resultado de um projeto chamado de Arpanet que foi iniciado em 1960 pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. “O nome Internet vem de *internetworking* (ligação entre redes). Embora seja geralmente pensada como sendo uma rede, a Internet é na verdade o conjunto de todas as redes e *gateways* que usam protocolos TCP/IP. Note-se que a Internet é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, etc) e programas usados para o transporte da informação”. (LÉVY, 1999, p. 36)

<sup>3</sup> “Comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados” (LÉVY, 1999, p. 27)

formação da socialidade dos fãs da banda The Rolling Stones, através de comunidades virtuais.

Para que se realizasse uma investigação mais ampla sobre o relacionamento entre os fãs da banda, através das comunidades virtuais, foram escolhidas as comunidades “*Rolling Stones that’s it!*” (Anexo 3), com maior número de participantes, mais de 15400, e “Eu vou no show dos Stones!” (Anexo 4), que atualmente conta com mais de 330 membros. As duas comunidades apresentam múltiplos fatores que contribuem para a constituição da socialidade, que aqui se pretende estudar, como o tribalismo, o presenteísmo, a paixão, o imaginário, etc. O estudo aborda, especificamente, as discussões e a expectativa dos fãs em relação ao show dos Rolling Stones que ocorrerá no Brasil, em fevereiro de 2006.

Vamos abordar como a música e a imagem da banda se manifestam no processo tribal que se estabelece entre os fãs. Essa relação se dá através do intercâmbio constante entre a tecnologia e a própria sociedade. Cultura e tecnologia seriam, desse modo, realidades que se influenciam mutuamente, sem que seja possível apontar uma origem absoluta tanto no aspecto tecnológico como no aspecto social desta relação. A partir das constatações a respeito do novo processo de tribalização, que se modifica a partir da criação das comunidades virtuais, vamos estudar como a virtualização atinge as modalidades do estar-junto. Para isso, foram utilizadas, basicamente, quatro noções propostas por Michel Maffesoli. São elas: Presenteísmo, Tribalismo, Imaginário e Identificação. A pesquisa foi guiada pela

Sociologia Compreensiva, proposta pelo mesmo autor, e contou com as contribuições dos seguintes autores que abordam o tema da cibercultura, Pierre Lévy, André Lemos e Howard Rheingold.

Ao tratar do advento das novas tecnologias, Pierre Lévy (2003) considera que há uma cultura planetária em formação e que a virtualização provoca, além de uma revolução nos relacionamentos, uma busca pela hominização, na tentativa de diminuir as distâncias geográficas, culturais e sociais surgidas ao longo da história. Para o autor o virtual torna-se um vetor da inteligência e criação coletiva. “(...) a *Web*<sup>4</sup> opera, pela primeira vez na escala da espécie, e num modo imanente, uma mediação potencial entre o conjunto das subjetividades” (2003, p. 200). Outras tentativas de representação da coletividade humana, como o Estado, as religiões, as mídias, são parciais e redutoras, enquanto a *Web* demonstra que a totalidade dinâmica da sociedade é irrepresentável:

(...) só há virtualmente uma sociedade. Podemos agora indicar que a relação da humanidade consigo mesma é intotalizável... ainda mais que ela é efetiva... e precisamente porque está sendo tecida. *Web* é a prova disso. (LÉVY, 2003, p. 200)

André Lemos (2003) denomina de ciber-socialidade a relação entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias. Para o autor, esta socialidade é ambientada na efervescência que a Internet e suas comunidades virtuais geram. Mas essa relação vai

---

<sup>4</sup> “A World Wide Web é uma função da Internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam.”( LÉVY, 1999, p. 27)

mais além, uma vez que o imaginário social e o tecnológico são construídos com interferências mútuas. “A sociedade do espetáculo representou o mundo através da cultura de massa midiática (jornal, TV, rádio, shows, etc.) A virtualização dos diversos campos da cultura traduz o mundo em *bits*, que se traduzem para nós em informação, alimentando as redes. “A cibercultura parece jogar com elementos da sociedade do espetáculo, colocando informações, produzindo ruídos, reapropriando e simulando o mundo” (LEMOS, 2003, p. 225).

A partir de definições sociológicas do conceito de comunidade virtual, Howard Rheingold (2000) destaca que elas seriam formadas por um ecossistema de subculturas, e que possuiriam a característica semelhante a uma espécie de colônia de microorganismos em constante ebulição. Ainda segundo o autor:

There is no such thing as a single, monolithic, online subculture; it's more like an ecosystem of subcultures, some frivolous, others serious. The cutting edge of scientific discourse is migrating to virtual communities, where you can read the electronic pre-preprinted reports of molecular biologists and cognitive scientists. At the same time, activists and educational reformers are using the same medium as a political tool. You can use virtual communities to find a date, sell a lawnmower, publish a novel, conduct a meeting. (RHEINGOLD, 2000, p. 18)

A fim de contemplar o imaginário social pós-moderno, resgataram-se em Maffesoli (1996) e na sua proposta de Sociologia Compreensiva noções que contribuem para um diálogo mais rico entre o objeto e a realidade descrita pelas novas tecnologias. São elas: Presenteísmo, Tribalismo, Imaginário e Identificação. Neste sentido, os Rolling Stones são um exemplo da manifestação Pós-Moderna, em que é possível observar, através do nosso objeto de estudo, o que Vattimo (apud Maffesoli,

1995, p. 110) chama de “retomada-aceitação-distorção”. Neste processo, retomam-se elementos antigos (arquétipos), aceitam-se a aparência, o fenômeno e o relativismo e, logo após, distorcem-se os elementos arcaicos, tornando-os dinâmicos, portanto, atuais.

Assim ocorre uma regressão dinâmica que se opõe à linearidade da Modernidade. Nesta forma alternativa, não existe uma preocupação em garantir o futuro, mas sim o evento. De acordo com Maffesoli (1996), esse fenômeno, que ele chama de Presenteísmo, se traduz na prevalência do "societal", do ambiente e da aparência. Isso induz a uma postura que o observador adota, fazendo com que ele se contente em "mostrar" ao invés de captar esta nova maneira de "estar junto", este presente multifacetado. Na sociedade pós-moderna, a sensibilidade coletiva está se afirmando através das imagens que funcionam como um fator unificador.

A estética na Pós-Modernidade, de acordo com Maffesoli (1996), não está restrita ao domínio das belas-artes. Ela contempla a maneira de sentir, as sensações experimentadas em conjunto, valorizando o sentimento tribal. A reunião dos fãs em torno dos Rolling Stones, é exemplo do tribalismo que foi gerado ao longo de quatro décadas. Os símbolos que acompanham o grupo permanecem, mas as significações e a imagem se modificam, transformando os conceitos apresentados ainda na década de 60.



Maffesoli (1996) acredita que a imagem funciona como mola propulsora do ideal comunitário, embasando o seu conceito de barroquização do mundo em torno das imagens e de tudo mais que elas agregam. O estar-junto assume forma, fazendo com que a felicidade individual não fique restrita a um espaço privado. O Imaginário, noção de Maffesoli (1996) que iremos utilizar, é visto pelo autor como um jogo irônico que se dá pelo Mundo Imaginal. As imagens têm uma potência mágica, principalmente neste momento de reencantamento do mundo, onde não importa o julgamento que se faz das coisas, e sim a provocação de sentimentos.

A Pós-Modernidade, para o autor, tem essa força legitimadora que representa o barroquismo contemporâneo, em que há um mosaico dinâmico de culturas sendo criado, veiculado e assimilado por inúmeras pessoas que não buscam mais um julgamento dos valores sociais, e sim a diversão, a sensação do espetáculo. Por essas noções levantadas é que percebemos a criação de um cenário Pós-Moderno em torno da banda, que desde o seu surgimento busca em outros estilos a construção da sua música e que, através do seu comportamento e da sua estética, acompanha as mudanças ocorridas na esfera cultural, mas sem esquecer suas raízes.

A partir destas premissas, estudaremos as duas comunidades selecionadas no *Orkut*, cruzando a teoria e os aspectos pertinentes ao campo de estudo dos grupos sociais na Internet. O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro faz uma contextualização histórica sobre a trajetória da banda Rolling Stones. Na segunda parte, são relatadas a trajetória metodológica, a orientação da análise, a descrição do

ambiente do *Orkut* e das comunidades inseridas na rede. O terceiro capítulo desenvolve a análise dos fóruns de discussões dos fãs nas comunidades virtuais.

## 1. A TRAJETÓRIA DOS ROLLING STONES- CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

### 1.1 A época

Para se compreender a importância dos Rolling Stones para a história do *rock'n'roll*, é preciso voltar à Inglaterra do começo dos anos 60. O país se encontrava dominado por emoções reprimidas em um intenso conflito de gerações. Os mais velhos eram assombrados pela nostalgia da guerra, do Império e dos racionamentos. Os mais novos, por sua vez, tinham motivos para comemorar, com o fim da obrigatoriedade do serviço militar e da ameaça de destruição pelos mísseis cubanos.

Os jovens ainda tinham um diferencial a mais: dinheiro para gastar - a época era de pouco desemprego e, ao contrário da década seguinte, a desilusão socioeconômica ainda não havia chegado à realidade dos britânicos. Foi então que o consumo de discos de música pop, a maioria importados dos Estados Unidos, tomou proporções maiores.

Mike Featherstone (1995) relata a força que o estilo de vida boêmio, representado pelo artista visto como um rebelde, um herói estilizado, teve na cultura popular e no rock na Grã Bretanha, no período pós-guerra. Para o autor, isso provocou

uma injeção de arte na cultura popular e acabou com a distinção entre alta cultura e cultura popular<sup>5</sup>.

No mesmo sentido, Brandão e Duarte (2004) definem que a cultura própria da juventude, surgida no período, nasceu da revolta contra valores arcaicos e preconceituosos. Uma cultura expressa, especialmente, pela música:

(...) os movimentos de contracultura nasceram a partir de um ponto de vista hedonista, ou seja, do desejo simples e elementar da felicidade individual, porém fora dos padrões de regras e normas repressoras estabelecidas pelo sistema, composto de instituições político-sociais que objetivavam a sustentação da ordem vigente. (BRANDÃO;DUARTE, 2004, p. 60)

Dessa maneira, podemos dizer que não só a sonoridade da música, mas as emoções provocadas por ela, propiciam o envolvimento das pessoas, na medida em que se tornam formas de expressão direta de platéias predominantemente jovens. Os artistas são os heróis que articulam os limites do mundo, explorando a própria imagem e a mensagem que chega ao público através dela. Desse modo, consideramos a música como objeto de consumo que envolve sonhos, imagens e prazeres. Utilizando a noção de tribalismo de Maffesoli (1988a), Featherstone relaciona o consumo em massa à proliferação de signos e imagens. Os valores que passam a dominar as sociedades contemporâneas, como o presente, o amor, o jogo, fazem parte deste cenário:

---

<sup>5</sup> “Um movimento duplo sugere a derrocada de algumas fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, bem como a erosão da condição especial da arte como uma mercadoria protegida”. (FEATHERSTONE, 1995:45)

(...) isso representa um movimento para além do individualismo, com uma ênfase mais vigorosa na afetividade e empatia, um novo 'paradigma estético', no qual massas de pessoas se agregariam temporariamente em 'tribos pós-modernas" (FEATHERSTONE, 1995, p. 45).

A descentralização da família é predominante neste processo. Segundo Edgar Morin (1997), as figuras do pai e da mãe, antes baseadas na autoridade e na transmissão dos valores ancestrais, respectivamente, já não são predominantes. A grande família dá lugar ao lar restrito, baseado no casal, e os novos pais seriam incapazes de impor uma autoridade na qual não acreditam:

Os modelos de identificação, as funções tutelares, desertam, por sua vez, da família e do homem maduro para transferir-se para outro lugar: - os deuses da carne, os heróis imaginários da cultura de massa apoderam-se de funções tradicionalmente privilegiadas pela família e os ancestrais. (MORIN, 1997, p. 152)

Esse processo de projeção, identificação e admiração, através do qual se efetuava a mudança de criança para adulto, antes devotado à família, encontra uma lacuna, que passa a ser preenchida pelas imagens dos ídolos. Essa união entre o imaginário e o real é muito mais íntima, na medida em que é projetada em heróis reais, não mais deuses ou demônios. "(...) com o impulso da cultura de massa os pais vão apagar-se até desaparecerem do horizonte imaginário". (MORIN, 1997, p.151)

A música se insere neste contexto por ser um tipo de expressão abrangente, além de ter significado artístico. Pelas mensagens que transmite e pelo envolvimento social que provoca, se constitui em uma das principais formas de manifestação cultural nas sociedades ocidentais.

Os estilos musicais ouvidos antes do surgimento do *rock'n'roll* eram divididos não só por classes sociais, mas também por raças. Nesse sentido, Brandão e Duarte (2004) consideram que, somente após a propagação do novo estilo musical, a partir da década de 50, pode se caracterizar a cultura jovem:

Por ser um estilo composto de elementos de origem diversa- “música negra” e “música branca”- , o *rock'n'roll* também seria encarado, na racista sociedade norte-americana de então, como *race music* (música de negro). E, exatamente por essa qualidade, ele foi incorporado por outro grupo que começava a se manifestar no cenário dessa sociedade: a juventude. (BRANDÃO; DUARTE, 2004:27)

## 1.2 O Começo

O *rock'n'roll* americano que jovens e adolescentes britânicos adotaram na segunda metade dos anos 50, começou, no início da década de 60, a apresentar seus

primeiros sinais de cansaço.<sup>6</sup> Em pouco tempo, todos os grandes nomes do gênero saíram de circulação: Elvis Presley foi servir ao exército americano na Alemanha; a carreira de Jerry Lee Lewis foi prejudicada por escândalos sexuais; Chuck Berry foi para a prisão; Little Richard trocou os palcos pelas pregações da igreja; as meteóricas ascensões de Ritchie Valens e Buddy Holly acabaram em um acidente aéreo. O espaço aberto pelas mudanças apontou para novos caminhos.

Entre as centenas de grupos musicais que surgiram em Londres e Liverpool, no início da nova década, dois alcançaram, em pouco tempo, um sucesso internacional sem precedentes: Os Beatles e os Os Rolling Stones.

Os Beatles tornaram-se um grande sucesso mundial com sua ida aos Estados Unidos. Em abril de 1964, a banda ocupava as cinco primeiras posições entre as músicas mais ouvidas nas rádios norte-americanas, segundo a Revista *Billboard*, com a música *Cant buy me love*, ocupando o primeiro lugar. Sob o efeito de LSD, a droga alucinógena, os Beatles gravaram o que possivelmente foi o álbum mais revolucionário da história do rock, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, em 1967. Pela primeira vez uma banda de rock rompeu definitivamente com o formato extremamente comercial da música *single*<sup>7</sup>, lançando uma obra em que cada música era apenas uma parte do todo. Brandão e Duarte (2004) enfatizam que a carreira da banda foi marcada pela mescla de influências e mensagens existenciais nas letras de suas canções e pelo experimentalismo com música eletrônica e canções folclóricas.

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do site [http:// www.whiplash.net](http://www.whiplash.net)

<sup>7</sup> *Single*: faixa de trabalho lançada separadamente do álbum

Enquanto isso, os Rolling Stones mantinham as características próximas das influências negras, na sonoridade, nos temas de suas músicas e nas apresentações ao vivo:

Os Beatles, portanto, foram se tornando cada vez mais experimentais, requintados, detalhistas; os Stones, enraizados na tradição negra, básicos, intuitivos; aqueles cresciam dentro de um estúdio, elaborando novas técnicas e truques, e estes, nas apresentações ao vivo, com uma força primitiva incontrolável. (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 56)

Os Rolling Stones introduziram a rebeldia como parte do imaginário em relação às bandas de rock. Desde o início, o grupo foi a antítese da imagem dos Beatles. Na biografia da banda, *The Rolling Stones: dito e não dito*, Jon Ewing (1997) exemplifica essa diferença na imagem que os integrantes das duas bandas transmitiam aos fãs: “Enquanto os Beatles eram bochechudos e alegres, os Stones estavam sempre mal-humorados e pareciam se sentir superiores”. (EWING, 1997, p. 7).

Mick Jagger e Keith Richards cursaram a mesma escola e moraram no mesmo bairro, no sul londrino, durante toda a infância, mas eram completamente estranhos um ao outro durante os primeiros dezoito anos de vida, até descobrirem um interesse comum, como mostra o relato feito por Mick Jagger:

Eu perguntei a ele o que gostaria de fazer quando crescesse (...) Ele disse que queria ser um caubói como Roy Rogers, e tocar guitarra. Não fiquei impressionado com Roy Rogers, mas o lance da guitarra realmente me interessou (JAGGER In EWING, 1997, p. 8)



A inspiração para a formação de uma banda veio quando Jagger, juntamente com o amigo Dick Taylor, viajou para Woolwich em março de 1958, para ver Buddy Holly, na única passagem do músico, que ditava moda nos Estados Unidos, pela Grã-Bretanha:

Holly, até então, estava na linha de frente do *rock'n'roll*, ajudando a criar não apenas um novo gênero mas uma nova cultura na música popular. Tudo o que era ligado a ele - inclusive o visual- era não convencional. Jagger havia sido capturado pelo estilo do *rhythm'blues* negro do cantor branco (...) (EWING, 1997, p. 9)

Juntamente com o guitarrista Brian Jones e o pianista Ian Stewart, Jagger e Taylor, fundaram o quarteto *Little Boy Blue & The Blue Boys*, para tocar *blues* e *rhythm' blues*:

(...) uma música que não tinha fronteiras nem limites raciais e que nunca havia sido ouvida anteriormente na Inglaterra. (...) A dificuldade em conseguir discos fazia parte do charme - para esses adolescentes de Kent, o *rock'n'roll* era uma fantástica válvula de escape para um mundo exótico e inimaginável" (EWING, 1997, p. 10)

Os *Blue Boys* não chegaram a fazer shows para platéias, apenas se reuniam para tocar o que ouviam nos discos produzidos pelos americanos. Até que um reencontro ocasional entre Jagger e o ex-colega de escola, Keith Richards, em um trem que fazia o caminho entre Dartford e Sidcup, mudou o rumo da história. Impressionado pela coleção de discos que Jagger trazia consigo, Richards aceitou o convite para

assistir a um ensaio dos *Blue Boys*. O desempenho do guitarrista impressionou os integrantes da banda e Richards foi convidado a se juntar a eles.

Em julho de 1962, os *Blue Boys* foram convidados a fazer sua primeira apresentação, no *Marquee Clube*, em Londres. Brian Jones rebatizou o grupo como *Rollin' Stones*, inspirado em uma canção de Muddy Waters: *Rollin Stones Blues*. A partir deste momento, como relata Ewing, os shows começaram a se multiplicar e os fãs também:

Eles tocavam em *pubs* e clubes durante todos os fins de semana e estavam, aos poucos, conquistando um público que os seguia quando tocavam em Richmond, Twickenham e nos mais distantes bairros londrinos. (1997, p.14)

A música aparece, neste contexto, como um elo formador da socialidade entre os indivíduos, na medida em que se estabelece como uma fonte catalisadora de emoções. A estética inerente a ela e que favorece a identificação, não deve ser entendida como a exaltação do belo, mas como um senso comum, um senso ético que provoca atração. Em sua análise sobre o jogo de sedução existente entre a publicidade e o consumidor, Gilles Lipovetsky (2004) diz que o fenômeno grupal se caracteriza pela abertura, flexibilidade e sedução, o que podemos encontrar também na relação entre os fãs de música:

Os grupos indicam uma autonomia que, sem ser absoluta, permite a adoção do conveniente a cada um, sem obrigação mimética e com maleabilidade. Assim, onde muitos enxergam manipulação e conformismo, pode-se encontrar satisfação e gosto pela estetização. (LIPOVETSKY, 2004, p. 36)

### 1.3 A Imagem

A repercussão nas apresentações ao vivo levou a banda a um contrato com a gravadora *Decca Records*. O primeiro *single* do grupo, agora já chamado The Rolling Stones, foi *Come On*. Os negócios arquitetados pelos empresários da banda lançaram o conjunto para o grande público através do popular programa de televisão *Thank Your Lucky Stars*. “Pelos padrões conservadores adotados pelos músicos da época, os Rolling Stones eram a banda mais suja que já havia pisado num palco”, diz Ewing (1997, p. 18). A gravadora passou então a promover a banda, aproveitando a imagem de rebeldes, com o slogan “Você deixaria sua filha se casar com um Rolling Stone?” A partir daí a trilogia sexo, drogas e *rock’n’roll*, se tornaria inseparável para a construção da imagem da banda para o grande público.

Enquanto os Beatles conseguiam atingir todas as faixas etárias, os Rolling Stones se impuseram com a voz dos adolescentes (...). A cena de garotas se batendo contra cordões de isolamento feitos pela polícia já havia se tornado familiar, mas os Rolling Stones eram bem mais temperamentais e ameaçadores do que os Beatles. (EWING, 1997, p. 20)

O sucesso do primeiro disco garantiu ao grupo uma participação no show mais popular da televisão norte-americana, The Ed Sullivan Show:

(...) que literalmente enlouqueceu a jovem platéia que compareceu ao programa (...) Esse não foi o espetáculo que Sullivan demonstrou querer repetir. (...) a atitude repreendedora de Sullivan gerou ainda mais publicidade para os rapazes ingleses.” (EWING, 1997, p. 23)

Nessa reação dos fãs, percebemos o que Morin (1997) descreve como o impulso juvenil. Para eles, outros valores se impõem, como o amor, o jogo e o presente: “(...) o essencial não é mais a experiência acumulada, mas a adesão ao movimento” (MORIN, 1997, p. 147). Essa experiência encontra o ambiente propício a seu desenvolvimento na cultura de massa a partir dos anos 50.

A espetacularização da cultura, da arte, da vida humana como um todo tem na mídia sua principal vitrine. A partir de sua perspectiva crítica do espetáculo como reconstrução de material e técnica da religiosidade, Debord (2000) afirma que “(...) quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações suficientes de um comportamento hipnótico”. (DEBORD, 2000, p. 18). O reconhecimento da banda pelo grande público, proporcionado e alcançado através da mídia, pode ser percebido, neste sentido, como o principal propulsor da carreira musical dos Rolling Stones, que acabaram se beneficiando com a imagem de rebeldia que passou a ser divulgada pela gravadora e pelos meios de comunicação de massa.

O início da trajetória com shows lotados de fãs histéricas e discos de vendagens recordes também teve seus momentos de baixa. Em seu livro Ewing (1997) relata que, no começo de 1967, os Stones deram o primeiro passo em falso, quando no tradicional show de variedades *Sundy Night at the London Palladium*, Mick Jagger se recusou a fazer parte de uma das atrações tradicionais: ficar em cima de uma gigantesca plataforma onde se podia ler o nome do show dando adeus aos milhares de telespectadores:

Pela primeira vez houve uma revolta pública contra a banda: desafiar as autoridades era uma coisa, mas insultar as instituições mais amadas da Inglaterra (não apenas o popular programa de televisão, mas o próprio *Palladium*), já era demais” (EWING, 1997, p. 36).

Na época o lançamento do quinto álbum da banda *Between the Buttons*, mostrou uma vertiginosa queda de vendas. Jagger começou a incluir nas letras de suas músicas o que pensava, e o assunto que mais interessava aos Stones era a liberdade do indivíduo. Assim, afirmava que a perseguição que sofria por parte da polícia devido ao uso de drogas era, na verdade, uma opressão exercida contra a juventude. Mick Jagger tinha seus próprios argumentos sobre o que os jovens queriam, como afirmou na época:

Eles querem ser livres e fazer jus ao seu direito de expressão, de pensamento e de viver a vida sem restrições. Isso não quer dizer que eles querem se tornar alcoólatras e usuários de drogas ou desrespeitar seus pais. Este é um protesto contra o sistema. Eu vejo muitos problemas chegando com o alvorecer. (JAGGER, Apud, EWING, 1997, p. 39)

Nessa época, os Stones passaram por diversos processos e julgamentos por posse de drogas que resultaram em absolvições, algumas noites passadas na cadeia e algumas condenações à prestação de serviço público, como shows gratuitos. Mesmo com as acusações e os flagrantes da polícia que sucediam e pareciam não ter fim, o momento não parecia de grande preocupação aos músicos, como mostra esta declaração de Keith Richards, no tribunal, em junho de 1967, que Ewing relata na biografia da banda: “Nós somos adultos. Não estamos preocupados com esse moralismo insignificante” (1997, p. 44). A resposta ao apoio dos fãs foi em forma de canção, com a música *We Love You*:

Lúgubre cântico psicodélico, a canção era total e ostensivamente dirigida aos fãs que os apoiaram durante a provação pela qual passaram, mas, secretamente, era um golpe nas autoridades que os haviam ridicularizado perante o público, com o clima de torpor típico provocado pelo ácido. (EWING, 1997, p. 46)

Os eventos acima descritos contribuíram para a consolidação da imagem de rebeldia da banda. O vocalista Mick Jagger procurava manter um diálogo com os fãs,

através de suas declarações, em que falava em nome da juventude, e de algumas canções que afrontavam diretamente as autoridades da época, e ao mesmo tempo, exaltavam os fãs.

#### 1.4 Os sinais da fama

A fama de viciados em bebida e drogas dos integrantes dos Rolling Stones logo começou a tomar conta da imprensa, o que aumentava ainda mais a popularidade da banda junto aos jovens. Alguns anos se passaram e os músicos se tornaram as vítimas mais famosas da perseguição que a polícia inglesa começara a mover contra os novos nobres da chamada *swingin london*. Não foram poucas as vezes em que os jovens músicos que faziam de Londres o centro musical do mundo foram abordados em flagrantes e sentenciados pelo uso de drogas.

Em 1965, a banda gravou *Out of our heads* (1965), com a música que se tornaria praticamente o hino dos Rolling Stones, *Satisfaction*. Para Keith Richards, se tratava apenas de mais uma música:

Eu a toquei para Mick e disse que a letra para isso era *I can't get no satisfaction* (...) Esse era apenas um título provisório. Ela podia muito bem ter sido batizada como *Tia Millie Encontrou seu Seio Esquerdo Mutilado*. Eu pensava nela apenas como um pequeno *riff*, que originaria uma faixa para encher lingüiça. Eu nunca pensei que ela podia ser comercial o suficiente para entrar num *single*. (EWING, 1997, p. 28)

As excursões da banda pelo mundo se estendiam: Estados Unidos, Austrália, Escandinávia, Alemanha Ocidental, Áustria. Nos anos que se seguiram, a vida dos músicos começou a ser mais afetada pelas drogas.

(...) Convidados para uma festa na casa do escritor do momento Ken Kesey, Keith e Brian experimentaram pela primeira vez uma droga volátil para entretenimento, tão nova que as autoridades ainda não estavam preparadas para recriminar seu uso. A droga se chamava lysergic acid diethylamide- mais conhecida como LSD ou ácido, e era um alucinógeno que iria imprimir sua marca em cada aspecto da cultura popular pela metade restante da década. (EWING, 1997, p. 30)

Os álbuns que se seguiram, tiveram forte influência do LSD e da psicodelia: *Aftermath* (1966), *Between the buttons* (1967) e *Their Satanic Majesties Request* (1967). No ano de 1968, o título de "a maior banda de rock do mundo" ainda não havia sido utilizado para qualificar os Rolling Stones, pois os Beatles, embora não fizessem mais apresentações ao vivo, ainda tinham grande popularidade. A música dos dois grupos regia as profundas transformações sociais e culturais em andamento no mundo ocidental. Os Beatles haviam lançado *Sgt. Pepper's*, obra que rompeu com as estruturas da arte pop de então, introduzindo uma nova dialética que ajudou a diminuir a fronteira entre o erudito e o popular.

Em 1968, os Rolling Stones lançam o disco, *Beggars' Banquet*, com o single *Jumpin' Jack Flash*, que os levaria novamente à lista dos mais ouvidos, tanto da Grã-Bretanha, quanto nos Estados Unidos, e *Sympathy for the devil*, que anos mais tarde Mick Jagger classificaria como um samba, escrito em uma de suas viagens ao Rio de



Janeiro, com inspiração nos ritos de candomblé vistos por ele nas praias cariocas e baianas. Este foi o último álbum da banda tendo Brian Jones como integrante. Em maio de 1969, sentenciado novamente pelo uso e porte de drogas e impossibilitado de sair do país para fazer shows, o músico se afastou da banda a pedido dos companheiros.

Jones deve ter se sentido bastante arrasado, mas tanto quanto os que lhe eram próximos podiam ver, ele parecia estar lidando muito bem com a separação. Ele continuou a exalar ares de *superstar* do rock, dando festas e decorando sua casa com móveis suntuosos(...). (EWING, 1997, p. 50)

Em 2 de julho de 1969, Jones foi encontrado morto na piscina de sua casa, depois de uma festa. Substituído por Mick Taylor, recebeu homenagens em um grande concerto da banda. Mas esta não seria a única tragédia na trajetória dos Rolling Stones. Em 6 de dezembro, durante uma apresentação ao ar livre, em Altamont, na Califórnia, a equipe de segurança do espetáculo, sob responsabilidade dos *Hell's Angels*, (ganguê de motoqueiros de São Francisco), passou a agredir os fãs que se aproximavam ou tentavam subir no palco. Diante da platéia histérica, a violência dos seguranças só aumentava. Durante a execução da música *Sympathy for the Devil*, um jovem negro, Meredith Hunter, foi assassinado com uma punhalada nas costas e retirado. Os Stones não tomaram conhecimento do que estava acontecendo e só souberam no dia seguinte que outras três pessoas haviam sido mortas, além do jovem,

e setecentas haviam sido socorridas por problemas relativos ao uso de drogas, além de fraturas e queimaduras. Ewing faz o seguinte comentário sobre o acontecimento: “Era o fim dos anos 60, tanto literalmente como em espírito. *O rock’n’roll* nunca mais seria o mesmo outra vez” (EWING, 1997, p. 53).

Para Brandão e Duarte (2004) o rock sofria o impacto dos novos tempos, aliado ao surgimento de outros estilos musicais:

A Crise do Petróleo, que alterava as estruturas sociais e o aumento do desemprego; os atentados terroristas de direita e esquerda; o acirramento do conflito no Oriente Médio (...) tudo isso caracterizava o clima escatológico ou de fim de mundo, vivo nos anos 70 e não acompanhado pela expansão e sofisticação da indústria fonográfica do rock, cujo ponto culminante seria a *discothèque*. (BRANDÃO; DUARTE, 2004:91)

O que se apresenta nesses encontros entre os fãs não é mais o indivíduo, mas um conjunto tribal que se comunica ao redor de um conjunto de imagens, que consome com voracidade. A subjetividade de massa encontra o gozo na felicidade partilhada e às vezes até mesmo na crueldade. “Popular music is consumed at concerts and clubs as well, and these contexts play crucial roles in youth culture”. “Rock music has always contained a strain of rebellion and naughtiness” (CHRISTENSON;ROBERTS,1998, p. 7).

Os anos 70 começaram com outros problemas para os Stones. Richards estava viciado em heroína, e Jagger, em LSD. No verão do mesmo ano, a banda terminou o contrato com a gravadora *Decca Records*, e fundou seu próprio selo, a *Rolling Stones Records*. Em 1971, o grupo lançou *Sticky Fingers*. A capa, desenhada por Andy Warhol, mostrava o ventre de um homem vestido com jeans e o logotipo de língua, que se transformaria no símbolo da banda. Mas a nova década começa também com álbuns de sucesso, como *Exile On Main Street* (1972), *Goats Head Soup* (1973) e *It's Only Rock'n'roll* (1974). Em 1972, os Stones voltaram a fazer apresentações ao vivo:

Com uma *entourage* gigantesca e um palco de proporções enormes, que carregavam para onde quer que fossem, eles, de forma até negligente, inventaram um padrão para todas as turnês de astros de rock do futuro. (EWING, 1997, p. 63)

Em 1974, Mick Taylor abandona a banda e é substituído por Ron Wood, guitarrista do *Faces*, banda de Rod Stewart que acabava de se separar. Com o novo membro, a banda lança *Black & Blue* (1976), que não consegue passar do segundo lugar nas paradas. No ano seguinte, o álbum duplo ao vivo, *Love You Live* (1977), também não obteve grande sucesso comercial. Mas o disco *Some Girls* (1978) incluiria a música número um nas paradas americanas, *Miss You*, e foi, até então, o álbum dos Stones com maior vendas.

## 1.5.Megaestrelato

No início dos anos 80, as turnês tomaram proporções gigantescas, com shows de aproximadamente três horas de duração e superproduções de palco. Apesar do sucesso das turnês, a década foi marcada pelos desentendimentos entre Jagger e Richards e, apesar dos álbuns seguintes, *Still Life* (1982), *Undercover* (1983), *Dirty Work* (1986) e *Steel Wheel* (1989), não terem agradado ao público como os das décadas anteriores, os shows continuavam lotados.

Em 1983, Os Rolling Stones assinaram mais um contrato recorde, no qual cediam os direitos de distribuição e fabricação de seus quatro discos seguintes à CBS por US\$ 25 milhões de adiantamento. *Undercover* marcou a estréia da banda com a nova gravadora, “(...) o primeiro disco de uma banda renovada - que havia transformado o *rock* num megaespetáculo capaz de contagiar platéias gigantescas” (EWING, 1997:70). Com o êxito nas vendas e nos shows, os Stones resolveram dar uma pausa. Jagger e Richards chegavam aos quarenta anos, surpresos por sua banda ser mais popular que nunca, mesmo que nunca tivessem feito muitos planos sobre onde e como parar:

(...) durante o resto dos anos 80 os Stones passaram por uma estranha transição, aprendendo a lidar com uma popularidade renovada e que

crescia a todo o momento e, ao mesmo tempo, buscando uma nova direção.” (EWING, 1997, p. 70)

Com a interrupção dos shows e da gravação de discos, cada membro continuou a se dedicar a seus projetos solos anteriores. Estes anos também foram marcados por algumas brigas entre Jagger e Richards, abertas ao público através de letras de canções. Mas os desentendimentos cessaram quando a banda recebeu como proposta de uma produtora canadense o maior cachê da história da música pop: US\$ 70 milhões para fazer 50 apresentações. Além de estarem juntos nas apresentações, Jagger e Richards compuseram mais de quarenta canções, das quais selecionaram quinze para um novo álbum. “*Steel Wheels* (1989) era o álbum que ninguém pensou que a banda iria fazer outra vez” (EWING, 1997:73). A turnê de 1989 foi, mais uma vez, a mais bem sucedida até aquele momento. Foram sessenta e uma apresentações em trinta e uma cidades, para um total de 3,2 milhões de fãs, e um faturamento de US\$ 100 milhões apenas nos Estados Unidos. A turnê se estenderia ainda pela Europa e pelo Japão. O LP *Flashpoint* (1991), gravado ao vivo, lançado depois da turnê, terminava os compromissos da banda com a CBS. Em janeiro de 1991, os Stones assinaram um contrato de US\$ 45 milhões com a *Virgin Records* pela gravação de três álbuns.

Eles não são dinossauros: são artistas tão chocantes e explosivos como nunca. O quanto eles ainda vão continuar na estrada depende não da nostalgia, mas sim de inovações; e os Stones nunca falharam ao vir com um novo sabor para seu glorioso estigma de rock'n'roll de raiz. (EWING, 1997, p. 29)

Ao contrário do que afirma o autor, acreditamos que o sucesso da banda se caracteriza pela junção da nostalgia com as inovações, pois a partir da década de 80 se percebe um contraste na construção da imagem do grupo, que alia, numa lógica contraditória, a rebeldia dos anos 60 com a imagem de superbanda promotora de mega-espetáculos dos anos 80, numa mistura do arcaico com o moderno. Os jovens fãs que acompanham a banda atualmente não vivenciaram a trajetória dos Rolling Stones nas décadas de 60 e 70, marcadas pela postura de contestação contra os padrões da época. Neste sentido, se constata que há um constante resgate da trajetória da banda, e que esta trajetória se une à nova identidade dos Rolling Stones, marcada pelas grandes produções. São proporcionadas ocasiões festivas onde “se identifica a pulsão gregária, que leva à busca do outro, a tocá-lo, que incita a perder-se na massa, como em uma entidade mais ampla, onde se pode exprimir, por contágio, o que o enclausuramento identitário não permite fazer.” (MAFFESOLI, 1995, p. 77).

No final dos anos 80, novas tecnologias são incorporadas à história dos Stones. Em 1989, eles se tornam o primeiro grupo a ter um show inteiro transmitido ao vivo pela Internet. O álbum *Voodoo Lounge* (1994) foi transformado em CD-ROM interativo,

no qual os fãs podem percorrer uma mansão assombrada na Louisiana, encontrar a banda e desvendar mistérios sobre os membros do grupo. Simultaneamente, foi lançada uma enciclopédia computadorizada sobre o passado, o presente e o futuro da banda, numa clara estratégia de conquista de um novo público, que tem a possibilidade de participar de uma história da qual não vivenciou.

Em abril de 1993, Bill Wyman, depois de vários anúncios anteriores de que deixaria a banda, decide definitivamente sair dos Rolling Stones. Somente um ano mais tarde, em 1994, a banda se reuniria novamente para fazer um álbum. *Voodoo Lounge* (1994) foi gravado nos estúdios do U2, em Windmill Lane, em Dublin, com o baixista convidado Darryl Jones. Os Stones se tornam, pela primeira vez, um quarteto. O álbum ganhou dois Prêmios *Grammy*, o prêmio máximo da música, nos Estados Unidos. A turnê mundial que se seguiu começou em agosto de 1994, em Washington, nos Estados Unidos, e incluiu, pela primeira vez, o Brasil no roteiro.

Em janeiro de 1995, os Stones fizeram quatro apresentações ao vivo no Brasil, duas em São Paulo e duas no Rio de Janeiro. A turnê arrecadou US\$ 400 milhões de dólares. No mesmo ano, o *single Like a Rolling Stone*, uma versão da canção de Bob Dylan, lançada para completar o disco ao vivo *Stripped*, levou novamente a banda aos primeiros lugares em execuções nas rádios, desta vez, em nível mundial. O novo álbum de estúdio sairia apenas em 1997. *Bridges to Babylon* (1997) também daria origem a uma turnê mundial e a novas passagens por São Paulo e pelo Rio de Janeiro.

A coletânea dupla *Forty Licks* foi lançada em 2002 e trouxe algumas músicas inéditas, como *Keys To Your Love* e *Stealing My Heart*. Em 2005, o disco deu nome a um DVD quádruplo, lançado em setembro. A caixa especial reúne shows do grupo em Londres, Nova Iorque e Paris, além de um documentário sobre a trajetória dos Rolling Stones.

O último álbum dos Stones<sup>8</sup>, lançado em setembro de 2005, chama-se *A Bigger Bang*. O terceiro show dos Rolling Stones no Brasil já tem data marcada: fevereiro de 2006. A nova turnê, iniciada em Boston em 21 de agosto de 2005, vai passar pela América Latina. A banda deve se apresentar em Porto Rico, no México, na Argentina e no Brasil. De acordo com o anúncio oficial, apenas um show está programado no Rio de Janeiro, com data de 14 de fevereiro. A partir da expectativa da realização deste show no Brasil, vamos analisar os fóruns de discussões de fãs nas comunidades virtuais do *Orkut*.

---

<sup>8</sup> Informações retiradas do site <http://www.mtv.com.br>



## 2. O ROCK E O IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO

### 2.1 O *rock*

O rock é considerado um fenômeno da era contemporânea, disseminado mundialmente através da mídia e da construção de um imaginário: a identidade dos fãs de *rock*. Autores como Michel Maffesoli e Stuart Hall relatam a flexibilização da identidade pós-moderna, que permite vínculos provisórios e a mutabilidade de identificações do sujeito. Este sujeito pós-moderno assume, assim, uma socialidade fragmentada e volátil, que permite que ele se una a grupos ou tribos diferentes, mesmo que se oponham entre si. É o que define Maffesoli como a lógica da identificação:

(...) que põe em cena 'pessoas' de máscaras variáveis, que são tributárias dos sistemas emblemáticos com que se identificam. Este poderá ser um herói, uma estrela, um santo, um jornal, um guru, um fantasma ou um território, o objeto tem pouca importância, o que é essencial é o ambiente mágico que ele segrega, a adesão que suscita. Há viscosidade no ar. (MAFFESOLI, 1996, p. 19)

O *rock'n'roll*, surgido nos anos 50, é considerado o primeiro estilo musical a dar voz à juventude, permitindo-a criar e vivenciar um estilo de vida alternativo e coletivo. A música estabeleceu padrões comportamentais entre os jovens, que questionavam, de forma irreverente, os padrões conservadores da sociedade. A identificação entre fãs e ídolos nesse processo se dá através das semelhanças de comportamento dos modos de vestir, falar e pensar.

Foi na Inglaterra, em virtude de suas próprias ligações históricas, que toda essa influência cultural esteve mais presente, propiciando a explosão de uma cultura jovem em que estudantes oriundos, em sua maioria, das classes trabalhadoras escolheram o *rock'n'roll* como porta de acesso ao mundo da cultura ocidental. Deram assim o primeiro passo para a renovação radical desse estilo de música, criando o som que ficaria conhecido simplesmente como *rock*. (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 55)

Steven Connor (1997) aponta as características do rock desde o seu surgimento. “From the very beginning, the importance of rock music lay in the potency of its amalgams with youth culture as a whole; with fashion, with style and street culture, with spectacle and performance art” (CONNOR, 1997, p. 207).

Através das influências físicas e comportamentais observadas, Christenson e Roberts (1998) dizem que o envolvimento com a música, vai além do tempo em que os fãs passam, propriamente, ouvindo música:

Music alters and intensifies their moods, furnishes much of their slang, dominates their conversations, and provides the ambiance at their social gatherings. Music styles define crowds and cliques they run in. Music personalities provide models for how they act and dress. (CHRISTENSON; ROBERTS, 1998, p. 8)

Essa mescla de sentimentos, emoções e tecnologia encontrada no rock é um ponto importante, uma vez que este, enquanto fenômeno social da contemporaneidade, apresenta este paradoxo, da sua criação até o presente momento.

## **2.2 A identificação**

Apoiado na teoria segundo a qual a identidade é totalmente relativa, Maffesoli diz ser a lógica da identificação uma nova maneira de determinar o estar-junto da sociedade: "(...) a passagem da identidade à identificação pode, de fato, assumir a forma paroxística do transe (religioso, musical...) ou a mais suavizada, da máscara(...)" (MAFFESOLI, 1996, p. 302-303). Para o autor, a fragilização do eu, que dá lugar ao

desejo de estar junto e de exprimir esse desejo, pode ser percebida de maneira mais clara nas artes de um modo geral:

A acuidade da sensibilidade artística sempre sentiu o caráter movediço da individualidade humana, essa não se definindo de uma vez por todas, mas antes reconhecendo-se no conjunto das facetas que compõem uma obra.” (MAFFESOLI, 1996, p. 303)

O processo de identificação, essa pulsão em identificar-se com o outro, está em ação na pós-modernidade, e os modelos que estão em ação na vida cotidiana, principalmente através das mídias, servem de padrão, onde as pessoas podem se reconhecer. Segundo Maffesoli:

(...) a figura, o ideal, a imagem idealizada, favorece o contexto, integra o indivíduo num sistema de comunicação e de inter-relações que é causa e efeito da sociedade. O astro da música, do esporte, um guru espiritual, são mostrados como totens e têm em torno deles uma aura que lhes garante uma forte atração que legitima a agregação, sendo ela uma nação, organização, tribo ou seita. (MAFFESOLI, 1996, p. 328)

Essas figuras idealizadas provocam um mecanismo de atração, e a fascinação que elas exercem, um novo laço social. No caso dos fãs da banda Rolling Stones, tribos são formadas através do imaginário em relação aos ídolos. O grupo de fãs possui uma socialidade tribal, unido pelo imaginário construído ao redor da banda. Mas estes jovens transitam também entre outras tribos que não dizem respeito, necessariamente, à banda em questão. Eles apropriam-se de elementos estéticos de algumas bandas, mas nem sempre seguem seus códigos a fundo. A tribo é uma forma de sinalizar aos outros o que se é ou não é. Mas também pode ser simplesmente a expressão sem compromisso da preferência momentânea por uma moda ou um artista.

A estética constitui um elemento fundamental neste processo, pois é o que, geralmente, possibilita a identificação entre os artistas e os fãs, seja através da linguagem, de roupas, de acessórios ou de estilos. A essência da música, dividida entre a ética e a estética, aparece neste contexto, permitindo que, através da identificação, surja uma socialidade entre os grupos de fãs. No caso do rock, a estética é mundializada, disseminada através da mídia. Maffesoli vai mais longe ao afirmar que esta nova socialidade também tem em sua base o que está intrínseco nas relações: “(...) elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com outros será primordial. É isso que designarei pela expressão ‘ética da estética’”. (1996, p. 12)

Neste caso, a estética é entendida em seu sentido pleno, não apenas restrita às obras de arte, mas no conjunto da existência do homem pós-moderno. Para o autor, a estética se transforma em ética.

(..) a moral é universal, aplicável em todos os lugares e em todos os tempos; a ética, ao contrário, é particular, às vezes momentânea, funda uma comunidade, e elabora-se a partir de um território dado, seja ele real ou simbólico.(MAFFESOLI, 1996, p.16)

Há uma estética do cotidiano, que é inaugurada com os objetos e que conforta por sua valorização. Agregam a partir de uma função e tornam-se os totens em torno dos quais se organiza a vida social (1996). Na formação das tribos, há a necessidade de símbolos, vivenciados no sentido de fortalecer um conjunto que é formado fora do institucional. A estética não trata de uma questão de gosto ou conteúdo. Precisa ser entendida como aquilo que faz o sujeito experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros, numa interação constante. Segundo Maffesoli (1995), o estilo aplica-se ao exterior físico e também é encontrado nas diversas representações práticas da linguagem. Ele busca, desta forma o “estar-junto” no sentimento partilhado e na paixão comum, remetendo ao presente, ao hedonismo humano, no qual se incorpora uma parte do trágico e de crueldade, que impregna todos os atos da vida diária.

### 2.3 O tribalismo

A tribalização é um fenômeno da era contemporânea. Esta característica se torna visível em grupos de jovens que possuem semelhantes gostos musicais e de moda, ou até traços de personalidade. Estes microgrupos sociais acarretam uma série de consequências importantes para a vida social em seu conjunto, que devemos considerar.

O vínculo social estabelecido entre os fãs dos Rolling Stones é mediado pela fusão de afetos, encarnado no presente em torno de imagens de comunhão, de emoções e de símbolos, que os torna participantes de um conjunto mais amplo, chamado “mundo imaginal”, partindo de uma idéia de que a pessoa desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. (MAFFESOLI, 1995, p. 110).

Neste contexto a música funciona como elo formador dos grupos e atua no processo de identificação entre eles. “Popular music at once expresses, creates, and perpetuates the essencial ‘us-them’ distinctions that develop between groups, and not just symbolically. (...) music stakes a powerful territorial claim” (CHRISTENSON; ROBERTS, 1998, p. 59).

Na medida em que novos estilos musicais surgiram, a música, além de servir para a expressão, passou a ser utilizada para a distinção de diferentes grupos:

(...) music allegiance is much more than one cultural marker among many- it is a primary means for expressing solidarity, pride and defiance. Thus it makes sense to speak of alternative, punk, rap, heavy metal, rock'n'roll, or reggae subcultures because for these groups music may form the central pillar of group identity. (CHRISTENSON; ROBERTS, 1998, p. 59)

Maffesoli chama de “misterioso” este fator que produz o laço, o vínculo, o que une as pessoas. Para o autor, trata-se de uma outra maneira de designar a cultura, não a adquirida em grandes obras, mas o substrato, aquilo que antecede essa cultura e permite o vínculo social. O autor acrescenta que existe um tecido social que permanece inteiro, mas que está sendo “devorado” em todas as partes por estes microgrupos. Como diz Maffesoli, “Essa ‘devoração’ se generalizou nas instituições, nas empresas, nos meios de educação, no trabalho social, nas entidades microscópicas, que sejam as capelas, os microgrupos, aquilo que eu chamo de tribo” (2004, p. 27). Com a heterogeneidade do modelo de modernidade, o conceito de indivíduo dá lugar a outra coisa e o que se assiste é à passagem da identidade para as identificações múltiplas. Maffesoli ressalta:



É essa passagem que me parece fundar o nascimento; talvez seja melhor dizer o renascimento de formas tribais de existência. O tribalismo é, assim, uma metáfora útil para tentar, provisoriamente, notar a saturação em que o indivíduo ou o individualismo foi questão e do fato de que, a partir de agora, enfumaçaram-se em proveito de microconjuntos, de formas comunitárias. (MAFFESOLI, 2004, p. 28).

Podemos relacionar também este fenômeno da tribalização à crise de identidade cultural apontada por Stuart Hall, como característica do sujeito pós-moderno. A identidade nacional associada à modernidade, que libertou o indivíduo de seus apoios estáveis e estruturas fixas, se modificou como resultado da homogeneização cultural e do “pós-moderno” global. Stuart Hall (2002) identifica a globalização como um dos motivos deste deslocamento das identidades culturais nacionais. Como afirma Anthony McGrew, citado por Hall,

(...) a globalização se refere àqueles processos, atuantes em escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mas interconectado. (HALL, 1992, p. 67)

Para Hall (1992), o maior impacto deste processo sobre as identidades nacionais é o sentimento de que o mundo é menor e que os eventos em um determinado lugar influenciam de imediato pessoas situadas a uma grande distância. Edgar Morin (1995) explica este sentimento de pertencer ao todo, provocado pela mundialização, “ao mesmo tempo evidente, subconsciente e onipresente”, através do holograma:

Não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações e os povos, mas também para os indivíduos. Da mesma forma que cada ponto de um holograma contém a informação do todo de que faz parte, doravante cada indivíduo também recebe ou consome as informações e as substâncias vindas de todo o universo (MORIN, 1995:35)

Para Maffesoli, existe um movimento constante entre a massificação crescente e o desenvolvimento das tribos. Esse neotribalismo, no qual a estética torna-se o laço afetivo de ligação entre os indivíduos, é a principal característica das sociedades pós-modernas:

Num processo de massificação constante, operam-se condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos, e que, em um balé sem fim entrenchocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos. (MAFFESOLI, 1999, p. 32-33)

Segundo o autor, o neotribalismo não está mais inscrito no quadro da história moral e/ou política e muito menos se situa contra a história, mas está à margem dela. Através de sentimentos e afinidades comuns, esses grupos partilham experiências e afinidades em um estar-junto que se baseia no cotidiano, na futilidade e não mais nas grandes narrativas históricas.

Levando em consideração também uma certa falência dos grandes sistemas explicativos que regeram a modernidade, pode-se propor uma outra lógica do estar-junto. Lógica que não seria mais finalizada, direcionada para o longínquo, mas ao contrário, centrada no cotidiano. (MAFFESOLI, 1999, p. 52)

## **2.4 O imaginário**

O imaginário é um reservatório onde armazenamos nossas emoções, nossos sentimentos. Tudo o que está nesse reservatório condiciona-se como motor de nossas emoções. A apropriação que cada um faz da cultura é o imaginário. A cultura é o todo, o mais amplo. Os imaginários estão dentro da cultura.

A situação resultante a partir da relação do homem com a técnica passa por diversas etapas. A forma pela qual se apresenta hoje é reflexo de uma série de mudanças ocorridas no imaginário de cada época. A própria palavra imaginário, relegada a segundo plano pela época moderna em nome da supremacia da razão, que

privilegia a escrita e o raciocínio linear, parece adquirir atualmente o estatuto principal para quem pretende estudar os fenômenos sociais, devido à proliferação de imagens.

Para Gilbert Durand, existe atualmente um movimento de reabilitação da imagem. O autor diz que “todos estes índices de uma alta pressão imaginária e simbólica na qual ‘vivemos e nos agitamos’ são a síndrome de uma profunda revolução” (2004:09). Neste sentido, podemos dizer que não só a música produzida pelos Rolling Stones une os fãs, mas também as representações do mito, proliferadas pelos mídias.

As tecnologias digitais de comunicação parecem ter potencializado este novo mundo das tribos e das comunidades voláteis. Elas trouxeram não apenas imensas transformações no campo do armazenamento da informação e da organização do conhecimento, mas também no setor das relações sociais. Neste aspecto específico, parece possível afirmar que o ciberespaço e seus novos processos de socialização nos apresentam estruturas ligadas às formas de sociabilidade contemporâneas e à organização da cultura.

A tão afirmada fragmentação do sujeito no espaço das redes, a socialização descomprometida, os vínculos flexíveis e a construção de múltiplas identidades, são traços que encontramos nas descrições que muitos autores fazem do cenário cultural

contemporâneo. Para Gilles Lipovetsky, a cultura pós-moderna apresenta uma “fragmentação” dos valores e uma afirmação da individualidade (2004). Esses traços são visíveis na rede, a respeito da qual se diz freqüentemente que libera o indivíduo de suas amarras sociais, culturais ou mesmo raciais.

Na concepção de Maffesoli (2000), o ciberespaço obriga o sujeito a entrar em outra noção da realidade, que se amplia, tornando-se uma hiper-realidade, tangível, mas que está cercada por elementos intangíveis. Esta toma força e vigor graças ao desenvolvimento das novas tecnologias. O autor diz que podemos perceber, na pós-modernidade, um renascimento do mundo imaginal, uma maneira de ser e de pensar perpassadas pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial. E completa:

Seja qual for a maneira de expressão do ‘imaginal’, virtual, lúdico, onírico, ele está presente e pregnante. Não será relegado à vida privada e individual, mas figurará como elemento constitutivo do estar-junto fundamental. Isso permite afirmar que o social cresce em socialidade integrando, de maneira holística, parâmetros humanos descartados pelo racionalismo moderno. O imaginal consiste, assim, noutra maneira de prestar atenção na sociedade complexa, na solidariedade orgânica incipiente, na ‘correspondência’, no sentido baudelairiano, entre todos os elementos do meio ambiente social e natural (2000, p. 53 - 54)

Esta nova forma de socialidade, através da virtualização, garante uma nova dinâmica à necessidade do sujeito de compartilhar realidades, de se reconhecer no

outro e através do outro, como ocorre, por exemplo, entre os grupos de fãs dos Rolling Stones, que se relacionam através das comunidades virtuais inseridas no Orkut e que serão analisados no terceiro capítulo. Para Maffesoli (2004) o neotribalismo pós-moderno também é baseado na necessidade de proteção e solidariedade que caracterizam o conjunto social.

As mudanças técnicas, econômicas e dos costumes nunca foram tão rápidas quanto na era pós-moderna. Para Pierre Lévy, a virtualização constitui justamente “a essência, ou a ponta fina, da mutação em curso” (1996, p. 11). Neste caso, o virtual não é entendido como aquilo que se opõe ao “real”, mas “(...) um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (1996, p. 12).

Assim percebemos que as novas tecnologias de comunicação e informação potencializam algumas características estruturais da cultura contemporânea. Juremir Machado da Silva diz que:

O laço social serve de cimento à vida em sociedade. Porém, só se atualiza pela força de valores partilhados, de imagens reverenciadas em conjunto e de sentimentos e afetos intensificados pela comunhão. Não há laço social sem imaginário (...) o paradoxo alimenta os imaginários. Em cada personagem, convivem o sim e o não, o bem e o mal, a verdade e a ilusão, a compreensão e a explicação, o afeto e a desrazão (SILVA, 2003, p. 21).

Para Maffesoli (2004), o que está em jogo no mundo contemporâneo é um novo laço social, que não repousa mais nos valores do laço social moderno, como trabalho, racionalismo, futurismo, utilitarismo, e o que vemos é um reencantamento com o mundo. Neste processo, as novas tecnologias são como um totem, que tem uma função agregativa. As pessoas se agregam ao redor do totem. O sujeito pós-moderno constrói sua cultura pelo imaginário. Juremir Machado da Silva observa que:

(...) o imaginário é a “bacia semântica” que orienta o “trajeto antropológico” de cada um na “errância” existencial. O fato de existirem bacia semântica (represamento e sentido) e trajeto antropológico (direção e conhecimento do homem) não determina uma linearidade do vivido. Ao contrário, o imaginário estrutura-se na errância: assimilação, apropriação, distorção e acaso (2003, p. 14).

## **2.5 Laços de socialidade**

Precisamos considerar a distinção que existe entre social e socialidade. O social é caracterizado por uma associação racional de indivíduos que tem uma identidade e existência própria. Na socialidade, a autonomia se desloca para a tribo, e a pessoa representa papéis nos grupos aos quais adere. Aqui são integrados parâmetros como a emoção e o imaginário (MAFFESOLI, 1996).

Toda a concepção do que chamamos social está em elementos da modernidade: o penso/existo cartesiano, a relação com Deus e a autonomia. O que determinava o social na modernidade eram as idéias de trabalho, a prevalência da razão, o utilitarismo, o futurismo. Para Maffesoli (2004), o social está em vias de saturação e o fundamento da comunicação seria simplesmente um modo de expressá-la. Esta seria uma época de “reencantamento do mundo”. O social é caracterizado por uma associação racional dos indivíduos que tem uma identidade e existência própria. Na socialidade, a autonomia se desloca para a tribo e a pessoa representa papéis nos grupos aos quais adere. Aqui são integrados parâmetros como a emoção e o imaginário (1996).

Nas formas de socialidade em que os fãs estão inseridos, existem maneiras de estar junto, no qual o consenso é mais afetivo, emocional, do que racional, e em que predomina a cultura do sentimento. Os indivíduos valem menos por si mesmos do que em função dos grupos em que se agregam, que apelam para as identificações sucessivas. As relações estabelecidas com o outro caracterizam o estilo como uma espécie de língua comum, que é revelada na vida cotidiana (MAFFESOLI, 2002, p. 35).

A estruturação individual e coletiva é percebida através da alteridade. Para Maffesoli (2004), a noção de comunicação está implícita nesta. A Comunicação também é o que nos liga ao outro, remete ao estar-junto, ao desejo de participação, de troca:



A comunicação é a cola do mundo pós-moderno. Dito de outra forma, a comunicação é uma forma de reencarnação desse velho simbolismo, simbolismo arcaico, pelo qual percebemos que não podemos nos compreender individualmente, mas que só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro.” (2004, p. 20)

Neste sentido, a palavra comunicação também serve para encarnar a idéia de imaginário, ou seja, o fato de que se vibra com os outros em torno de alguma coisa, seja qual for essa coisa (MAFFESOLI, 2004).

Continua a existir uma imensa dificuldade de pensar sensitivamente, incluindo a parte sensível da vida. A vida social baseia-se quase inteiramente na atração e na repulsão. Vibra-se em comunicação com alguns, obtendo-se também nesse processo informações, e não com os outros. As relações de empatia são decisivas na estruturação do tecido social. Essa vibração - real, presencial, fantasiosa ou virtual - ultrapassa qualquer conteúdo, pois, antes de tudo é forma. (MAFFESOLI, 2004, p. 25)

A afirmação acima pode ser percebida nas relações que ocorrem através das comunidades virtuais. Howard Rheingold (2000) constata a diminuição das possibilidades de encontros reais nas cidades, o que motiva o surgimento e o crescimento dos encontros virtuais. Neste sentido, Anthony Giddens (1991) afirma que a influência de acontecimentos distantes nos eventos próximos e na intimidade da própria pessoa se tornou lugar comum e as mídias impressa e eletrônica desempenharam papel fundamental a esse respeito.

Mediated experience, since the first experience of writing, has long influenced both self-identity and the basic organisation of social relations. With the development of mass communication, particularly electronic communication, the interpenetration of self-development and social systems, up to and including global systems, becomes ever pronounced (GIDDENS, 1991, p. 4).

Considerando o novo ambiente de convivência surgido com as inovações e possibilidades tecnológicas, o autor mostra a peculiaridade com que as novas relações sociais estão sendo construídas. Como afirma Giddens (1991), a respeito das novas formas de sociabilidade:

(...) the traditional connection between 'physical setting' and 'social situation' has become undermined; mediated social situations construct new communalities- and differences- between preconstituted forms of social experience. " (GIDDENS, 1991, p. 84)

Ao caracterizar o conjunto do corpo social, Maffesoli (1996) constata que os modos de vida cotidiana, a maneira de se vestir, de se pentear, de falar, são valores "corporeizados de parte a parte, numa espécie de hedonismo coletivo, que repousa numa consciência do presente". Partindo desta constatação, o autor percebe que:

A energia juvenil deixou de ter como objeto a reivindicação, o projeto, a história. Ela se manifesta e se esgota no instante- festas, solidariedade- na urgência, e não precisa de uma tradução política abstrata (MAFFESOLI, 2002, p. 19).

O retorno da criação em todas as áreas caracteriza o pós-moderno. A criação é vasta, e o trabalho apenas uma forma de desenvolver o social. Na pós-modernidade se assiste à passagem de um imaginário a outro, à saturação de um certo número de valores e à recomposição de outros. Para Maffesoli (1996), é isto que está em jogo no mundo contemporâneo: um novo laço social que não repousa mais nos valores modernistas. A pós-modernidade remete à alteridade. O outro do grupo é o que chama de tribalismo. O outro em si mesmo, que significa que sempre podemos ser outra coisa, quer dizer, outra persona. Este seria o laço social pós-moderno, algo que está ligado ao táctil, o que chama de viscosidade, “algo que cola”. A viscosidade encontra apoio no desenvolvimento tecnológico, na medida em que o longe se torna próximo. Existimos muito menos por nós mesmos do que pelos outros. Essa é a estruturação do sujeito pós-moderno. A emoção compartilhada e a coletivização dos sentimentos é o que melhor caracteriza a pós-modernidade.

## 2.6 O ciberespaço

As tecnologias digitais trouxeram não apenas imensas transformações no campo do armazenamento da informação e da organização do conhecimento, mas também no setor das relações sociais. Nesse aspecto específico, parece possível afirmar que o ciberespaço<sup>9</sup> e seus novos processos de socialização nos apresentam estruturas com as características que muitos autores atribuem, de modo geral, às formas de sociabilidade contemporâneas e à organização da cultura.

As novas tecnologias de comunicação e informação surgiram em 1975, com a fusão entre as telecomunicações analógicas e a informática. O novo suporte, o computador, possibilitou a veiculação de mensagens formatadas de diversas maneiras e a difusão e estoque de informação (LEMOS,2002).

Segundo Lévy (1999), a virada fundamental para o surgimento do ciberespaço aconteceu no movimento social nascido na Califórnia na efervescência da “contracultura”, que se apossou das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal. A partir deste momento, o computador deixou de ser utilizado apenas para processamento de dados de grandes empresas e de programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação, organização, simulação e diversão para uma parcela maior da população. A partir do final dos anos 80, um novo

movimento sócio-cultural, formado por profissionais americanos, tomou uma dimensão mundial no momento em que as diferentes redes de computadores passaram a juntar-se e em que o número de pessoas conectadas à inter-rede começou a crescer.

Durante muito tempo polarizada pela máquina, anteriormente fragmentada pelos programas, a informática contemporânea- programas e hardware- está desconstruindo o computador em benefício de um espaço de comunicação navegável e transparente, centrado no informação. (LÉVY,1999, p. 44)

Conforme Lévy (1999), a cibercultura é a expressão do desejo de um laço social que não seria fundado nas relações territoriais, institucionais ou de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, a partilha do saber, a aprendizagem cooperativa e processos abertos de colaboração. Para o autor, a emergência do ciberespaço acompanha a evolução geral da civilização. “Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo, *condicionada*, não *determinada*” (LÉVY, 1999, p. 25). Segundo o autor, dizer que a técnica condiciona significa considerar que abre possibilidades, opções culturais ou sociais, que podem ser aproveitadas ou não. Ao mesmo tempo, ele considera a cibercultura uma nova forma de cultura:

---

<sup>9</sup> “O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias do computadores” (LÉVY: 1999,92)

Uma técnica não é boa, nem má, (...) tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades.) Não se trata de avaliar seus "impactos", mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela.(LÉVY, 1999:26)

Como vimos, a técnica fornece um elemento essencial para o estabelecimento do dinamismo social dentro do ciberespaço. Na verdade, a técnica aparece como um fator importante nas configurações da sociedade contemporânea, sejam elas virtuais eletrônicas ou não. Em sua análise sobre a transformação do processo de apropriação da técnica e do social, André Lemos (2001, p. 28) coloca que o surgimento da cibercultura não é só "fruto de um projeto técnico, mas de uma relação estreita entre a sociedade e a cultura contemporâneas":

A técnica, paradoxalmente, vai desempenhar um papel muito importante nesse processo. Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, as novas tecnologias vão agir como vetores dessas situações. A forma técnica é obrigada a negociar com o social. Podemos falar numa espécie de transformação da apropriação técnica do social, típica da modernidade, para uma apropriação social da técnica, mesmo que de forma complexa e imprevisível." (Lemos, 2001, p. 31)

Neste sentido, Lemos (2001) diz que a forma técnica da cultura contemporânea é produto de uma sinergia entre o tecnológico e o social, e compreender a cibercultura apenas pela questão técnica é uma forma reducionista. "O desenvolvimento

tecnológico, longe de ser apenas agente de separação, de alienação e de esgotamento de formas sociais de solidariedade, pode servir como vetor de reliance, como instrumento de cooperação mútua e de solidariedades múltiplas” (LEMOS, 2001, p. 22).

O autor afirma ainda que a pós-modernidade é o cenário no qual se desenvolve a cibercultura e que ambas colaboram para a concretização do sujeito contemporâneo. Lemos (2002, p. 72) aponta que a cibercultura “(...) se caracteriza por uma condição sociocultural (...) instituindo uma nova forma de relação espaço-temporal”. Diante disso, Lemos (2004) identifica que a cibercultura não é mais que outro nome para a cultura contemporânea. Uma cultura que aponta para o futuro, mas está ancorada no presente.

A cibercultura será uma configuração sócio-técnica onde haverá modelos tribais associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura do impresso, moderna e tecnocrática. Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental. (LEMOS, 2001, p. 77)

O tema do sujeito fragmentado é provavelmente um dos tópicos mais debatidos no campo da cibercultura. Fenômenos como salas de *Chat*, páginas pessoais e programas como *Messenger* ou *Blogs* permitem ao usuário da Internet não só flexibilizar sua identidade, mas também multiplicá-la em construções momentâneas apropriadas a situações específicas. Podemos citar como exemplo pessoas que se

descrevem numa página de sites de relacionamentos de modo a parecer com os ideais de beleza dominantes na sociedade.

O que constatamos é a idéia de flexibilização da identidade. O mais curioso é que, diante das possibilidades de multiplicação de identidades, se percebe que elas coexistem entre si, pois na própria experiência cultural contemporânea o sujeito já aprende a desempenhar uma série de papéis, por vezes bastante diversos entre si. Trata-se de um sujeito que aprendeu a dividir-se, a fragmentar-se, a existir em um ambiente múltiplo, complexo e em constante mutação.

Uma forma interessante de abordar a subjetividade do sujeito fragmentado na rede se dá através do tema do corpo. Como afirma Rosanne Stone, citada por André Lemos (2002, p. 188), “(...) o corpo unitário, cercado e seguramente cuidado, constituído no quadro da modernidade burguesa, está entrando em um processo gradual de translação para as reconfigurações e reinscrições da comunidade do ciberespaço”. Nesse movimento, o corpo se fragmenta de maneira semelhante ao que acontece com a subjetividade. Não se tem mais um corpo unitário, fechado e puro, mas um corpo híbrido, múltiplo e flexível. Na verdade, o corpo até mesmo desaparece de modo a oferecer liberdade absoluta a uma subjetividade não mais determinada pelos referentes histórico-culturais.



A subjetividade em rede assemelha-se, portanto, ao sujeito pós-moderno como é definido por Stuart Hall: múltiplo, flexível, mutável. Como diz Lipovetsky (2003, p. 21), “vivemos a época da mobilidade subjetiva”. Todos os sujeitos estão livres para construir seus modelos de identidade, para escolher seus grupos de afinidade, para ligarem-se a diferentes idéias, mesmo que estas pareçam, por vezes, contradizer umas as outras. Essa subjetividade fluida corresponde, naturalmente, a um ambiente cultural também bastante mutável. Hall (2002) explica ainda como os sujeitos pós-modernos podem ligar-se a diferentes grupos, de modo a construir identidades temporárias que respondem a necessidades específicas de certos momentos e contextos. A diversidade e a facilidade na oferta de ideologias oferecem, assim, um ambiente propício para a mobilidade subjetiva, já que o sujeito não precisa mais optar por um ou outro modelo de identidade: ele pode aderir a mais de um ao mesmo tempo. Podemos dizer que essas tecnologias potencializam, em certo sentido, o que Lipovetsky (2003, p. 38) chama de “individualismo irresponsável”, forma de cultura que “cria um terreno mais permissivo a ultrapassagem das barreiras morais e tende a relativizar, banalizar e desculpabilizar certas fraudes”.

Essa flexibilização da identidade pós-moderna é o que permite os vínculos transitórios e a mutabilidade permanente das identificações do sujeito. Ele pode, assim, pertencer a várias “tribos” diferentes, mesmo que algumas destas se oponham entre si. Suas escolhas são voláteis, ainda que os laços possam ser bastante fortes (apesar de normalmente passageiros). As tecnologias digitais de comunicação parecem ter potencializado esse novo mundo das tribos e das comunidades voláteis. Surgem então

grupos formados dentro da rede. Os vínculos sociais, que, de alguma forma, eram anteriormente solidificados entre os integrantes destas tribos passam a se formar através de comunidades virtuais. Redes de relacionamento como o *Orkut* formam comunidades de amigos virtuais de cidades, estados ou até países diferentes, que trocam mensagens, testemunhos e participam de subgrupos de discussões e troca de impressões que vão dos fãs de bandas e adoradores de chocolate a torcedores de times de futebol e leitores de Drummond.

Nas comunidades virtuais, como as acima citadas, podemos mencionar as listas de discussão que ocorrem, por exemplo, entre os fãs dos Rolling Stones. Hoje é possível encontrar, no espaço da rede, uma diversidade enorme de listas, dedicadas aos mais variados temas em relação a eles. Os internautas utilizam e-mails para debater temas de interesse comum do grupo, como lançamento de discos, realização de shows e notícias sobre a banda. Os fóruns podem ser entendidos como “comunidades virtuais”, ligadas por temas de interesse específico e aos quais os internautas podem se vincular e desvincular, dependendo de suas afinidades momentâneas.

Talvez pudéssemos pensar no impacto das redes e das comunidades virtuais como um novo fator de descentramento. O sujeito virtual que participa de diversas comunidades ou se liga a várias listas de discussão não leva em conta nenhuma forma de centramento tradicional. Trata-se de um sujeito móvel, cuja identidade é mesmo

construída a partir dos vínculos e identificações que ele estabelece com suas tribos. Nesse sentido, podemos aproximar a “tribalização” dos fenômenos “comunitários” que permeiam o mundo das redes.

De fato, o *Orkut*, rede de amigos *online*, é um excelente exemplo para pensar questões de tribalização no contexto da Internet. Podemos dizer que o *Orkut* constitui uma grande tribo que se desdobra em “subtribos” – as comunidades das quais os membros do *Orkut* podem participar. Não existe limite de associações possíveis para o membro, que pode se inscrever em várias comunidades. Além disso, a rede permite outras formas de vínculo social, como encontros amorosos, aumento do círculo de amigos ou reencontro de antigos amigos com os quais havia perdido contato.

### **2.6.1 As comunidades virtuais**

No âmbito do ciberespaço surgem, a cada dia, novas maneiras de socialidade entre as pessoas. São evidentes os sinais do desenvolvimento das novas tecnologias e da informação que possibilitam ao homem a condição de suprimir o tempo e o espaço a partir do progresso das técnicas capazes de simular a realidade no ciberespaço.

O autor Howard Rheingold (2000) afirma que a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, condicionado pela existência de pessoas que realizam trocas e estabelecem laços sociais. As comunidades seriam conjuntos sociais surgidos na

Internet e formados quando um número suficiente de pessoas se reúne em discussões por um período longo de tempo e, ao mesmo, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. Da mesma forma, o autor constata que as pessoas usam as comunidades virtuais para trocar idéias e sentimentos:

(...) engage in intellectual discourse, conduct commerce, exchange knowledge, share emotional support, make plans, brainstorm, gossip, feud, fall in love, find friends and lose them, play games, flirt, create a little high art and a lot of idle talk. People in virtual communities do just about everything people do in real life, but we leave our bodies behind (RHEINGOLD, 2000, p. XVII).

Para Lemos (2002) a socialidade contemporânea aproveita o potencial comunitário, associativo ou simplesmente agregador da cibercultura. Sobre as agregações eletrônicas possibilitadas pelo ciberespaço, o autor diz que "(...) enquanto forma técnica é, ao mesmo tempo, limite e potência de uma estrutura social de conexões tácteis, que são as comunidades virtuais eletrônicas" (LEMOS, 2001, p. 91). O ciberespaço seria um espaço de comunhão que reúne pessoas do mundo todo por interesses comuns, para conversas, troca de arquivos, fotos ou músicas, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, formando coletivos mesmo sem viver na mesma cidade ou país. "Criam-se assim, territorialidades simbólicas" (LEMOS, 2002, p. 149).

O autor prefere evitar falar em comunidades virtuais generalizadas (2002). Ele apenas atesta o fator agregador do ciberespaço: “(...) nem toda associação no ciberespaço é comunitária, existindo, de forma muito extensa, agregações comunitárias e contratuais de tipo societário (...). Mas parece evidente que as tecnologias da cibercultura podem agregar, talvez como forma de lutar contra o isolamento moderno” (LEMOS, 2002, p. 154).

Podemos dizer que as agregações do ciberespaço parecem ser fruto de um desejo de *realiance* ancorado no coração da tecnologia contemporânea. Se a tecnologia moderna (a tecnocultura) inibia a agregação comunitária, a cibercultura, através do ciberespaço e suas tecnologias, parece instituir um contato generalizado, uma relação de proximidade e de sentimento comunitário, mesmo sem contato físico. Chamar algumas formas de agregação social no ciberespaço de comunidades virtuais é possível, se mantivermos a idéia de comunidade como definida pela sociologia e se soubermos que ser virtual (no sentido de à distância) não significa aqui uma novidade(...) (LEMOS, 2002, p. 156).

Ao mesmo tempo Lévy, (1999) considera o potencial de interconexão um dos motivos pelos quais o desenvolvimento das comunidades virtuais é um dos princípios da cibercultura. A comunidade virtual seria construída sobre as afinidades de interesses e conhecimentos, sobre um processo de cooperação e troca, independente das distâncias geográficas. Em sua caracterização, Lévy ressalta a construção de um projeto comum como elemento agregador e potencializador das dinâmicas sociais constituídas nestes espaços de convivência.

Para Rheingold (2000) as reuniões emergidas no ciberespaço surgem como uma ferramenta no uso das capacidades de comunicação da rede para construir relacionamentos sociais, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço:

(...) the new medium contributed to and detracted from community-the way people used print for news distanced them in one way from other people intraditional local communities, and at the same time enabled them to bridge a distance that had previously separated people (RHEINGOLD, 2000, p. 347).

Podemos dizer que os fãs dos Rolling Stones encontram nas comunidades virtuais um novo espaço de comunhão. Percebemos que os fãs-clubes parecem estar cedendo espaço às comunidades virtuais, que passaram a ser o ponto de encontro dos fãs.<sup>10</sup> É através delas que os fãs trocam informações, impressões e sentimentos sobre os ídolos. A comunidade gera uma possibilidade de integração entre fãs, diminuindo as distâncias territoriais. Para Lévy (2003), as comunidades são o terreno propício para a comunhão de sentimentos:

(...) o ciberespaço abriga milhares de grupos de discussão (os *news groups*). O conjunto desses fóruns eletrônicos constitui a paisagem movediça das competências e das paixões, permitindo assim atingir outras pessoas, não com base no nome, no endereço geográfico ou na filiação institucional, mas segundo um mapa semântico ou subjetivo dos centros de interesse (LÉVY, 2003, p. 195).

---

<sup>10</sup> Segundo dados recebidos por *e mail* através do MTV Responde, do site <http://mtv.com.br>, existem hoje nove fãs-clubes sobre os Rolling Stones no Brasil.

## 2.7 O Orkut

O *Orkut*<sup>11</sup> é uma rede de relacionamento virtual filiada ao *website Google*, desenvolvedor de um mecanismo de busca de informações na Internet. Criada em 22 de janeiro de 2004, se propõe a ajudar seus membros a encontrar antigos amigos, criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado do projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro de *software* do *Google*, nascido na Turquia, que desenvolveu a rede como um projeto independente enquanto estudava na Universidade de Standford, nos Estados Unidos, e trabalhava na empresa, já que a política desta permite que seus empregados utilizem 20% do seu horário de trabalho em projetos pessoais.

O *Orkut* é um serviço gratuito. O *site* está disponível em dez línguas: inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, chinês (tradicional e simplificado), japonês, coreano, russo e holandês. Em abril de 2005, foi traduzido para o português, segundo os organizadores, a pedido dos brasileiros. Cada usuário do *Orkut* possui uma conta e um perfil, mas apenas pode criar uma conta aquele que é convidado por um usuário. No perfil estão algumas características pessoais, como descrições físicas, listas de livros e músicas e um texto de apresentação, mas também informações como data de nascimento, orientação sexual e política, desejos, etc., além do nome, *email* e endereço. Cada usuário pode colocar como seus "amigos" outros usuários.

---

<sup>11</sup> Informações retiradas do site <http://www.orkut.com>

Neste aspecto, o *Orkut* é um grande banco de dados sobre quem é amigo de quem. Os usuários também podem se organizar em "comunidades", e criar fóruns de discussão sobre temas variados. Em setembro de 2005, o *Orkut* foi integrado ao sistema *Google Accounts*, onde cada usuário, para fazer o acesso, deve estar cadastrado na rede *Google*. O membro cede os direitos autorais sobre tudo que for postado no *Orkut* ao *Google*, que pode fazer uso da produção intelectual alheia sem pagar por isso. Segundo dados divulgados em setembro de 2005, o sistema possui, atualmente, mais de nove milhões de usuários cadastrados. O Brasil é o país com o maior número de membros, superando inclusive os Estados Unidos. Mais de 75% dos usuários do sistema, quase sete milhões, são brasileiros. Na verdade, esse número não apresenta exatidão, já que muitos membros se inscrevem como habitantes de outros países ou criam mais de um perfil. Portanto, as estatísticas oficiais do site não podem ser consideradas precisas. Os Estados Unidos são o segundo país com o maior número de membros, possuindo uma fatia de aproximadamente 6%, o equivalente a 540 mil usuários.

Sobre os Rolling Stones, existem atualmente no *Orkut* 76 comunidades virtuais e mais outras 29 específicas sobre os membros da banda. No total, são mais de 21 mil pessoas integrantes destas comunidades. Os fóruns de discussão são permanentes. A troca de informações atuais sobre a banda, como agenda de *shows* e notícias, são maioria entre os assuntos discutidos.

---



A comunidade com maior número de participantes, mais de 15400, foi criada por Giselle Pio, em 20 de maio de 2004, e chama-se “*Rolling Stones that’s it!*” (Anexo 3). A comunidade “Eu vou no show dos Stones!” (Anexo 4) foi criada por Manoela Camino, em 9 de maio de 2005, e atualmente conta com mais de 330 membros. As duas comunidades mantêm fóruns constantes de discussões em relação à banda que tratam dos mais variados assuntos, como o lançamento de discos, o comportamento dos músicos, experiências em *shows* e a expectativa em relação aos *show* da banda que vai acontecer no Brasil em janeiro de 2006. Nossa análise, no próximo capítulo, será baseada especificamente sobre esta expectativa.

### **3 O MUNDO IMAGINAL DOS ROLLING STONES NAS COMUNIDADES DO *ORKUT***

Observando as comunidades virtuais “*Rolling Stones that’s it!*” e “Eu vou no show dos Stones!”, dedicadas aos Rolling Stones no *Orkut* e escolhidas como objeto de estudo desta pesquisa, percebemos que há uma predominância de jovens que não vivenciaram o surgimento da banda na década de 60.

Um aspecto que chama a atenção, e que aqui será desenvolvido, se refere à construção do imaginário destes jovens em relação à banda, que esboçam a comunhão entre a imagem dos Rolling Stones na década de 60 e a dos dias atuais, percorrendo aí um intervalo de mais de 40 anos, através do ciberespaço.

A presente análise foi possível devido às minhas observações participantes nos fóruns de discussão, inseridos nas duas comunidades virtuais.

Além de realizarmos a análise sobre a expectativa dos fãs em relação aos shows, demonstrada nas discussões que acontecem dentro das comunidades virtuais no *Orkut*, consideramos fundamental o estudo de alguns tópicos de discussão que se relacionam diretamente a algumas noções apresentadas neste trabalho sobre a configuração das tribos, a identificação, o imaginário e o presenteísmo, que se apresentam nestas comunidades virtuais.

Ao observar o funcionamento do *Orkut*, percebe-se que as pessoas que participam desta rede de relacionamento dedicam-se a uma grande celebração do estar-junto. Segundo a análise de Maffesoli (1996) “a falência dos grandes sistemas explicativos da modernidade dá espaço a um outra lógica de sociabilidade, centrada no cotidiano e na atração de sensibilidades.” São essas pequenas práticas do dia-a-dia que forma o cimento social. Como diz Featherstone (1997), as pessoas se aproximam pela volubilidade da comunicação:

(...) há um enfoque no sentido não-individual de se estar junto em atividades comuns, espontâneas, que se dão fora dos interstícios dos campos institucionais; há uma ênfase na sensualidade comum em estar com os outros em uma sociabilidade frívola, lúdica. (FEATHERSTONE, 1997, p. 83)

As noções apresentadas por Maffesoli e Featherstone sobre a socialidade que se observa na contemporaneidade podem ser aplicadas às comunidades formadas pela rede de relacionamento *Orkut*. As discussões apresentadas em seus fóruns

servem para agregar pessoas com gostos, afinidades e sensibilidades comuns. Através das comunidades em que se insere, a pessoa também constrói diversas identidades dentro do sistema. Em uma das discussões encontradas dentro da comunidade “*Rolling Stones that’s it!*”, o participante Terêncio (Anexo 5) classifica a maioria dos tópicos apresentados como “inútil” e sugere que os integrantes façam discussões mais sérias: “Pq vcs não criam debates mais interessantes? Como por exemplo discutir alguma letra, as idéias passadas pela banda, coisas assim.. Podem começar por aki... Coloquem o nome de alguma música q a letra seja um enigma, e coloque sua interpretação, sua opinião... sei lá...” A resposta deixada por Giselle Pio, criadora da comunidade, mostra a intenção do ambiente propiciado dentro por ela: “Rapaz estamos aqui para nos divertir, se quer algo mais cabeça ...abra um livro, Nem tudo na vida é só debates. Recado dado.” Além de Giselle, outros integrantes da comunidade que responderam ao comentário deixaram claro que, no âmbito das discussões, a intenção é a troca de idéias, a conversa sobre os mais variados assuntos em relação à banda, sem se aprofundar em grandes questionamentos. A seguir, um pequeno trecho (Anexo 5)<sup>12</sup> da conversa:

Terêncio- QUANTA INUTILIDADE! 01/04/2005 19:05  
 A MAIORIA DOS TÓPICOS AKI É INÚTIL... NÃO LEVA A NADA... PQ VCS NÃO CRIAM DEBATES MAIS INTERESSANTES? COMO POR EXEMPLO DISCUTIR ALGUMA LETRA, AS IDÉIAS PASSADAS PELA BANDA, COISAS ASSIM... PODEM COMEÇAR POR AKI... COLOQUEM O NOME DE ALGUMA MÚSICA Q A LETRA SEJA UM ENIGMA, E COLOQUE SUA INTERPRETAÇÃO, SUA OPINIÃO... SEI LA...

---

<sup>12</sup> Uma vez que, devido ao fato de serem recentes as comunidades virtuais, não estão previstas regras para reproduzi-las em trabalhos acadêmicos. Portanto, as reproduzi deixando dois espaços duplos do restante do texto, com um espaço simples entre os *posts* dos participantes

Tuca- Relaxa rapaz... 01/04/2005 19:08  
It's only rock'n roll...

Giselle Pio- Calma lá 02/04/2005 07:23  
Rapaz estamos aqui para nos divertir, se quer algo mais cabeça ...abra um livro, Nem tudo na vida é só debates. Recado dado.

Dennis 02/04/2005 08:49  
Poxa acho q vc não leu TODOS os tópicos...mas então pq o Dr. Debate ao invés de aparecer de 70 em 70 anos não lança alguma coisa debatedora??? vamos ver se sai alguma coisa de conteúdo....

Dennis 02/04/2005 08:52  
Relaxa cara....aqui vc aprende se divertindo....hauhauhauha

Isaba 02/04/2005 13:04  
eu hein, você bem que deveria ouvir um pouco mais de rolling stones. ia ser muito mais feliz e deixar essa "raiva" acumulada ir embora rapidinho.

Em outro fórum, dentro da mesma comunidade, um assunto postado por Elenilson Nascimento (Anexo 5), que usa o *nick*<sup>13</sup> de Literatura Clandestina, foi recebido com desprezo pelos demais integrantes. Apenas duas pessoas responderam, o que demonstra o desinteresse em debater assuntos que não sejam referentes à banda:

Literatura- VOCÊ É CÉTICO OU CRÉDULO? 02/11/2005 06:40.  
VOCÊ É CÉTICO OU CRÉDULO? Por Elenilson Nascimento. Você acredita nas lágrimas da Virgem que chora no Vietnã? Você como eu, deva ser daqueles que acha que os céticos (principalmente os religiosos) são uns chatos, implicantes e sem imaginação? Talvez esteja na hora de mudarmos de opinião e descobriremos o que vai na alma daqueles que não crêem em nada, nem na sua própria sombra. Mas, o que é ceticismo? (...)

---

<sup>13</sup> Abreviatura de *nickname*, em inglês, apelido ou pseudônimo.

Raphael 02/11/2005 08:37

esse assunto e da menor relevância. aq e pra falar de stonies e nao de merda de literatura clandestina seu fdp \_|\_

Charliton Alguém ajude 03/11/2005 10:42

Putz, meu! Tava tão legal aqui. Pq essas figuras tem aparecer onde não foram chamadas. Vai procurar uma comunidade pra vc...

A discussão demonstra que, mesmo que os integrantes das comunidades virtuais referentes aos Rolling Stones pertençam a outras comunidades, ou outras tribos, usando a noção de Maffesoli, este espaço específico é dedicado à celebração do imaginário construído ao redor da banda, de suas músicas e de sua história, e não está aberto a outros assuntos que não sejam relativos a ela. Nesse caso a sensação de ser fã dos Rolling Stones, compreendida num conjunto, é fator da relação social possibilitada pela comunidade virtual. Existe uma solidariedade que se organiza contemporaneamente e é essencialmente estética:

Por meio dos diversos elementos que a compõem, o sensível, a imagem, o corpo, o doméstico, a comunicação, o emocional, coisas que se enraízam na experiência, essa estética é essencialmente ética, ela permite a "relição social". É talvez isso que faz dela um ângulo privilegiado para compreender a socialidade pós-moderna (MAFFESOLI, 1999, p. 122)

Além das discussões que ocorrem nos fóruns, constatamos nas comunidades virtuais a presença de elementos que contribuem para a promoção e manutenção das

tribos. Podemos perceber na página de abertura das duas comunidades aqui estudadas, que a figura usada para identificá-las é a mesma: o desenho da boca (Anexos 3 e 4) criado por Andy Warhol na década de 70. Mesmo se tratando do símbolo criado por Warhol, existem modificações em relação ao formato e as cores originais, o que demonstra o desejo da manutenção do imaginário em relação aos ídolos com o acréscimo de novos elementos.

Na comunidade “Eu vou no show dos Stones”, um dos fóruns de discussão girou em torno da polêmica sobre a troca do símbolo original por uma foto da banda na foto da comunidade. Todas as pessoas que participaram da discussão concordaram que a boca é o que simboliza os Rolling Stones. Depois da discussão, a foto foi retirada e o símbolo voltou à foto da comunidade.

A mesma exaltação e comunhão através da imagem podemos perceber em relação às pessoas que relatam que fizeram tatuagens no corpo com o símbolo dos Rolling Stones, como mostra o diálogo a seguir:

Alexandre- vocês já fizeram alguma loucura pelos Stones? 12/08/2004 21:20  
Tenho a língua tatuada no braço esquerdo com os dizeres: " I know - It's only rock'n roll but I like it"

Elena- idem 12/08/2004 21:37

Tatuei a lingua nas minhas costas, ali pelo ombro... Muito orgulho da minha tattoo, eh lindona!

Nestes exemplos, o estilo é encontrado nas diversas representações práticas da linguagem, mas aplica-se também ao exterior físico, aqui simbolizado pela boca. Seja através das discussões nos fóruns sobre assuntos relacionados com a banda, seja nas imagens apresentadas, como fotos e logotipos, examinamos a busca do “estar-junto” no sentimento partilhado e na paixão comum, que remete ao presente e ao hedonismo humano, e que será analisado a seguir (MAFFESOLI, 1995).

### **3.1 Sentimentos compartilhados em rede: A sociabilidade em torno dos totens virtuais dos Stones**

Em uma das discussões da comunidade virtual “*Rolling Stones that's it!*”(Anexo 6), cada um dos participantes conta como teve o primeiro contato com a banda. O ponto em comum entre a maioria dos membros é o fato de a aproximação ter ocorrido através de meios de comunicação como rádio e televisão, em programas como novelas, seriados e publicidade. Outros tiveram influência dos pais, que também gostavam da banda.

Dy- Qual foi a primeira? 03/08/2004 21:35

A primeira música que eu escutei dos Stones foi Lady Jane muitos anos atrás (1982).



Fiquei apaixonada e depois disso não deixei de ouvir mais.  
Qual foi a primeira música que vc ouviu dos stones, vc lembra?

Rafael- Minha 1ª 04/08/2004 06:31

se não contar com Sympathy for the devil que a cláudia Ohana cantava naquela novela de vampiros, nem satisfaction (naquela época eu não sabia de nada)... a minha primeira foi Gimme Shelter, seguidas de Paint in Black e Mother's little Helper, no disco Hot Rocks... Comecei Bem, Não?!

Paulo - Jumping Jack Flash 05/08/2004 21:23

Isso mesmo!!! Eu nem me lembrava mais... eu devia ter uns 7 anos ou menos e durante o intervalo da Formula 1, existia uma propaganda da Esso que tinha um cover de Jumping Jack Flash. Eu fiquei a semana toda (ou o mês todo) tentando saber qual era a música... daí conheci Satisfaction, que eu já tinha ouvido, mas nem sabia de quem era... a Jumping Jack Flash só fui ouvir de novo depois de muito tempo!

Marcelo- Satisfaction 06/08/2004 04:13

eu estava na 4ª serie do primario se nao me engano.. nunca vou esquecer.. voltando para casa, começou a tocar na radio .. e uma amiga que estava comigo cantando bem alto igual louca.. foi emocionante hehe

Luciana- Foi o primeiro Show que eles fizeram no Brasil... 06/08/2004 05:17

Eu tinha uns 13 anos e qdo eu vi o show pela tv... eu pensei... são eles que cantam essas músicas( eu ouvia na rádio e não sabia que eram eles) e aí foi paixão a primeira vista!!! Eu não sei precisamente qual foi a primeira música, mas acho que Love is Strong.

Giselle Pio- No pré! 07/08/2004 04:29

Tinha uma festinha na escolinha todo final de mês, e cada um dos coleguinhas podiam levar um DISCO! (isso mesmo vinil) Pra tocar la'na festa, meu pai me emprestou o BLACK AND BLUE pra eu levar fez o maior sucesso. O professores ficaram chocados como uma criança de 5 anos podia ouvir aquilo...eheh Minha mão foi até chamada na escola pra falar sobre o assunto. A música foi HOT STUFF!!!

Vinícius- 09/08/2004 04:41

Já sabia quem eram os Stones, mas nunca tinha escutado, até ouvir Paint it Black, na abertura do seriado "combate no vietnã", que passava o SBT (quem lembra?) Daí foi paixão a primeira ouvida.

A convivência através da comunidade virtual permite, desse modo, a troca de experiências e de sentimentos provocados pela música, através do ambiente

proporcionado pelo ciberespaço. Ao mesmo tempo, as comunidades virtuais também se tornaram um meio para conhecer a banda. Nos fóruns iniciados por Alex e Débora (Anexo 6), por exemplo, o *Orkut* se torna um caminho para a descoberta dos Rolling Stones. Os dois buscam a ajuda dos outros integrantes para aumentar seus conhecimentos sobre a banda. Abaixo segue a reprodução do fórum iniciado por Alex:

"Ae, eu estou começando a ouvir Rolling Stones, e queria saber se alguém poderia me recomendar alguns album ou musicas pra eu poder começar "pra valer". O que vcr ecomendariam??? vlw!"

Nas respostas encontradas no fórum (Anexo 6), percebe-se a receptividade dos integrantes aos "novos fãs". Todos os comentários foram de incentivo e de recomendação de discos e músicas de acordo com as preferências de cada um, além de relatos de outras pessoas que também usaram a Internet como meio para conhecer a banda. A resposta de Débora, que diz estar "baixando" arquivos com as músicas da Internet, também demonstra o vitalismo social que o ciberespaço permite canalizar nas novas formas de socialidade que as novas tecnologias proporcionam e na própria construção da cultura de cada indivíduo.

Na cibercultura, o ciberespaço é uma rede social complexa, e não somente tecnológica. Isto mostra que a tendência comunitária (tribalismo), a ênfase no presente (presenteísmo) e o paradigma estético (ética da estética) podem potencializar e ser potencializados pelo desenvolvimento tecnológico. Podemos ver nas comunidades do ciberespaço a aplicabilidade do conceito de socialidade (mas também de sociabilidade), definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas (LEMOS, 2002, p. 92).

### **3.2 Cimento Social e Tribalismo: A expectativa dos fãs para o show do Rio de Janeiro**

Os assuntos das discussões dentro das duas comunidades virtuais analisadas são variados, mas percebemos que a partir da confirmação da realização do show no Rio de Janeiro, este passou a ser o principal tema debatido. Em ambas as comunidades (Anexo 7), surgem a cada dia novos comentários sobre o evento. Muitos integrantes demonstram terem recebido a notícia através da comunidade virtual, buscam confirmações sobre a sua veracidade e a data de realização e falam sobre boatos e especulações de que este seria o último show da banda, como mostra o recorte descrito abaixo:

Cainho- Nova turnê 12/04/2005 12:56

Os Rolling Stones iniciam em agosto, na cidade americana de Boston, uma turnê mundial que deverá durar um ano. Há notícias não confirmadas sobre a gravação de um álbum que seria o primeiro de inéditas desde "Bridges to Babylon", de 1997. Informações do Ananova.

Rapahel 13/04/2005 14:10

alguem sabe dizer se e verdade. tem gente falando q e a ultima turne deles. a noticia saiu no the sun

Paula- 13/04/2005 15:10

o que existe é só especulação. a resposta, só eles podem dar. devem estar se divertindo com as notícias

Dario 13/04/2005 22:38

agora nao tem desculpa, a cidade maravilhosa tem q entrar na turne...

Cainho- Stones no Rio! 20/04/2005 20:57

Os Rolling Stones vão tocar de novo no Brasil. O empresário Luiz Oscar Niemeyer, ex-presidente da BMG, acerta os últimos detalhes da vinda da banda, em janeiro. A idéia é fazer um show na Praia de Copacabana, no Rio, com a turma do Afro Reggae, de Vigário Geral, abrindo a noite. Fonte: O Globo

No nosso objeto de estudo, constatamos que a difusão das mensagens é marcada pela repetição dos elogios à banda e pela especulação sobre a realização do show no Rio de Janeiro, as prováveis datas, as músicas que serão tocadas e a possibilidade de ocorrerem apresentações em outros lugares do país. Na troca de informações, os integrantes são, ao mesmo tempo, fornecedores e receptores das últimas notícias difundidas no ciberespaço. Para Scheer, citado por Lemos, a sociedade virtual é a sociedade onde “a inteligência do central coloca o usuário no desafio de produzir seu próprio espetáculo, seu próprio imaginário, seu próprio desafio. Assim, este modo reconstitui um tecido comunitário” (apud LEMOS, 2002, p. 82).

Parece existir um espírito compartilhado entre os membros da comunidade e um sentimento de pertencer ao grupo, através de relações amistosas, íntimas e do senso comunitário. Não existe necessariamente, nestes casos analisados, uma coincidência geográfica ou contato físico. Este dado mostra a força de coesão interna na comunidade em torno de um interesse comum. O local de contato é o ciberespaço. Isso não significa necessariamente que haja uma concordância permanente entre os integrantes da comunidade virtual. O lugar da apresentação no Brasil gerou polêmica (Anexo 7), como por exemplo, em relação à segurança, ao deslocamento e ao fato de estar programado apenas um show, como mostram os diálogos a seguir:

Mariângela- 11/05/2005 04:33  
he he estarei em copacabana 2006!!!!!!

Mauricio- Só acredito no dia 11/05/2005 08:29  
DUVIDO q façam em copa, e de graça. E duvido mas ainda q não venham pra sampa também. Ja escrevi isso em outro comentario... é muito dificil fazer um show de graça, ainda mais desse tamanho. E nem venham comparando com o show do Lenny, pq não tem comparação. o dos Stones é muito maior. Se o so LK ja parou a cidade, em plena segunda feira, imagine stones... daria uma merda do tamanho do mundo. Além disso, duvido q, estando aqui, não viriam à São Paulo... a maior cidade, com maior publico e maior grana....

Luciana 11/05/2005 09:57  
Mas poxa vida, se for só no Rio, numa terça feira, é sacanagem da gorda. Mas Stones é Stones e farei esse sacrifício de matar o trampo pra ir no show. Hahahaha Mas duvido que não venham pra Sampa.

Gabriel- não vale!!!!!!!!!!!!!! 11/05/2005 11:12  
nem acredito q os caras vêm de novo pro Brasil.....show, a única sacanagem é se eles realmente só tocarem no Rio, e ainda mais em apresentação aberta e de graça! Resumindo: só artistas e etc...vão conseguir assistir ao show decentemente...que bosta! mas beleza, começar a rezar desde já pra não esquecerem de Sampa.....valeu!!!!

Dario 16/04/2005 19:27  
é sacanagem ou é verdade? cidade maravilhosa em fevereiro? e sum paulo nao entra?

Luciana-Segurança... 22/06/2005 14:48  
Sem ofenças...mas a Rosinha Mateus vai contratar os Hell Angels para a segurança...hehehehehehe

A referência de Luciana ao show realizado pelos Rolling Stones na década de 70, em que os Hells Angells, uma gangue de motoqueiros contratados como seguranças, mataram um jovem na platéia durante a apresentação, foi outro assunto levantado nos fóruns (Anexo 7). Muitos comentários foram feitos em relação à segurança do show, que vai ser realizado gratuitamente na praia de Copacabana. Mesmo percebendo a preocupação em relação a este assunto, verificamos que todos

os participantes do fórum confirmam a presença no show. Nesta reação dos fãs, percebemos o impulso juvenil de aderir ao movimento no qual os valores que se impõem são o amor, o jogo e o presente (MORIN, 1997).

Esta nova forma de socialidade, que se dá através da virtualização, garante uma nova dinâmica à necessidade do sujeito de compartilhar realidades, de se reconhecer no outro e através do outro. O neotribalismo pós-moderno também é baseado na necessidade de proteção e solidariedade que caracterizam o conjunto social (MAFFESOLI, 1996).

Na página de abertura da comunidade “Eu vou no show dos Stones” (Anexo 4), a descrição da sua finalidade já identifica a expectativa de comunhão dos fãs em torno da realização do show: “Esta comunidade foi criada para reunir os fãs dos Rolling Stones que irão curtir o próximo e último show da melhor banda de rock do mundo que acontecerá no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, dia 18 de fevereiro de 2006”. Aqui fica demonstrado o espaço agregador que o ciberespaço pode representar, formando laços através do imaginário construído em torno da banda. Segundo Lemos (2002:56) “o desenvolvimento tecnológico sempre esteve imerso no imaginário social (...)”. A vida social é um todo coerente que gira em torno de um universo sagrado”.

Percebemos que apesar das distâncias territoriais que separam os fãs, que moram em cidades e estados diferentes, a comunidade virtual cria também um vínculo propício para a celebração do estar-junto não somente virtual, mas real, na medida em que estabelece um contato que pode levá-los a se conhecerem pessoalmente. Nas

comunidades estudadas, os integrantes planejam encontros durante o show e excursões.

As ocasiões festivas são exemplos onde identifica-se a pulsão gregária, que leva a buscar o outro, a tocá-lo, que incita a perder-se na massa, como em uma entidade mais ampla, onde se pode exprimir, por contágio, o que o enclausuramento identitário não permite fazer (MAFFESOLI, 1995, p. 77)

Lipovetsky (2004) afirma que aqueles que têm menos acesso à tecnologia, permanecem mais isolados no mundo pós-moderno. É importante salientar, entretanto, que o autor considera que, estas inovações não acabaram com a importância do contato pessoal.

O face a face não morreu nem perdeu importância. Desapareceram, em contrapartida, formas tradicionais de socialização, típicas da vida rural ou das sociedades arcaicas. Nas grandes cidades, um em cada três habitantes vive só. Mas isso não quer dizer, necessariamente na solidão, não significa ausência de contato. A sensação de solidão, em todo caso, não resulta da mídia nem da tecnologia. Tem mais, certamente, a ver com a própria dimensão das cidades. (LIPOVETSKY, 2004, p. 37)

Ao mesmo tempo, consideramos que a Internet promove a interação virtual, resultado de uma mediação tecnológica em tempo real, ao lidar com o imaginário do usuário. O sentimento de pertencimento, a ligação entre sentimento de comunidade, caráter cooperativo, solidariedade e emergência de um projeto comum mostram a existência de uma forma própria de comunicação.

O imaginal híbrido é a ausência de mediação maquínica *live*. Neste caso, natural e universal, a interatividade ocorre diretamente no imaginário, na consciência, na mente, na alma, no espírito, linkando pontos do inconsciente individual com o inconsciente coletivo” (SILVA, 2004, p. 328).

Este fator de agregação que o ciberespaço proporciona também pode ser percebido nos fóruns de discussão onde os participantes, além de compartilharem as expectativas e o sentimento de estarem no mesmo espaço físico que seus ídolos, também demonstram a intenção de reunirem-se, promovendo um encontro para a celebração do acontecimento. Em um dos fóruns sobre o assunto (Anexo 7), novamente percebemos o uso de ferramentas da Internet, neste caso o *Messenger*, para a o compartilhar o momento de ver os Rolling Stones ao vivo:

David- MSN de quem vai? (VAMOS NOS ENCONTRAR LÁ) 15/11/2005 12:04  
Digam abaixo seus MSN para irmos conversando de uma maneira de encontrarmos essa comunidade inteira lá no show!!! ANOTEM AÍ! beatlestonolli@hotmail.com

José Henrique eu vou... 21/11/2005 08:38  
to saído de prudente dia 17, henriqueacre@hotmail.com

Juliana- Eu Vouuu 26/11/2005 13:52  
Eu vo sai daki da zona norte santana ... meu msn é july\_porto9@hotmail.com...

Leandro - Eu Vouuuu 28/11/2005 05:52  
Bom eu já sou aki do rio mesmo ehee..... leandro794@msn.com

Carlos- meu msn 04/12/2005 09:53  
EU VOU - policarpojr@hotmail.com

Samuel- Claro Brow! 05/12/2005 14:20  
Eu vou galera! Ao estilo Che de motocicleta, pela Estrada Real. Sigam-me! Msn: cantordemambo@uai.com.br É esse mesmo! Pode acreditar, rs



Ricardo- EU VOU !!! 18/12/2005 15:53 Eu vou, meu msm ricardotbcano@hotmail.com

Nas comunidades virtuais “*Rolling Stones that’s it!*” e “Eu vou no show dos Stones” do *Orkut*, escolhidas para estudar a socialidade dos fãs dos Rolling Stones através do ciberespaço, percebemos que o vínculo social estabelecido entre eles é mediado por uma mescla de afetos, encarnada no presente, em torno de imagens de comunhão, de emoções, de símbolos, que os torna participantes de um conjunto mais amplo, chamado “mundo imaginal”, partindo de uma idéia de que a pessoa desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. (MAFFESOLI, 1995, p. 110) A noção de comunidade virtual, neste sentido, está sempre ligada à idéia de um espaço de partilha, a uma sensação, a sentimentos de pertencimento e de inter-relacionamento íntimo e a um determinado agrupamento social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-modernidade pode ser vista como uma época de grandes metamorfoses, com o retorno de uma vitalidade e efervescência cultural, em grande parte, potencializado pelas novas tecnologias. Neste processo, cultura e tecnologia são realidades que se influenciam mutuamente. A virtualização modifica a maneira do estar-junto. O sujeito pós-moderno encontra na rede um ambiente múltiplo e flexível que permite que ele estabeleça vínculos e contatos múltiplos e diversos, sem a necessidade do contato físico. Este sujeito mantém-se aberto em relação ao outro; ainda busca encontrar-se no outro e através do outro, para o reconhecimento de si próprio. Na rede, ele encontra um elo entre o aspecto imaginal do mundo e a tecnologia. O imaginário potencializa esta possibilidade de estar-junto e é ao mesmo tempo uma fonte comum de sensações, experiências, vivências, de lembranças, de estilos de vida.

É necessário lembrar que a Internet é uma das tecnologias de mais rápido desenvolvimento que já se conheceu. Podemos dizer que ela está em um estágio inicial de evolução. Mesmo assim, as transformações provocadas por ela no campo da socialização do indivíduo são visíveis. Podemos dizer que este homem pós-moderno, fragmentado, descentrado, mas que ao mesmo tempo ainda sente a necessidade de formar laços, de conhecer o outro e a si mesmo, encontrou nela, um novo caminho para continuar sua história.

O ambiente de convivências propiciado pelo ciberespaço é possível através das inovações e desenvolvimentos tecnológicos, mas a dinâmica social estabelecida pelas comunidades virtuais também permite ao sujeito contemporâneo encontrar novas formas de se identificar com o outro, e encontrar-se em si mesmo. É exatamente esta combinação entre as variáveis sociais e técnicas que permite que esse sujeito faça do ciberespaço um ambiente de socialidade, através do imaginário que ele proporciona.

Acreditamos que novos fãs dos Rolling Stones surgem, e os antigos se mantêm, devido à junção da nostalgia com as inovações, pois, a partir da década de 80, percebe-se um contraste na construção da imagem dos Rolling Stones, que alia a rebeldia dos anos 60 à imagem de superbanda promotora de mega-espetáculos dos anos 80, numa mistura do arcaico com o moderno. Os jovens fãs que acompanham a banda atualmente não vivenciaram a trajetória dos Rolling Stones nas décadas de 60 e 70, marcadas pela postura de contestação contra os padrões da época. Neste sentido, se constata que há um constante resgate da trajetória da banda, que se une à sua nova identidade marcada pelas grandes produções. São proporcionadas ocasiões festivas onde “se identifica a pulsão gregária, que leva a busca do outro, a tocá-lo, que incita a perder-se na massa, como em uma entidade mais ampla, onde se pode exprimir, por contágio, o que o enclausuramento identitário não permite fazer.” (MAFFESOLI, 1995:77)

Assim ocorre uma regressão dinâmica que se opõe à linearidade da Modernidade. Nesta forma alternativa não existe uma preocupação em garantir o futuro, mas sim o evento. De acordo com Maffesoli (1996), essa manifestação se traduz na prevalência do "societal", do ambiente e da aparência que ele chama de Presenteísmo. Isso induz a uma postura que o observador adota, fazendo com que ele se contente em "mostrar" ao invés de captar esta nova maneira de "estar junto", desse presente multifacetado. Na sociedade pós-moderna, a sensibilidade coletiva está se afirmando através das imagens que funcionam como um fator unificador.

Nas comunidades virtuais "*Rolling Stones that's it*" e "Eu vou no show dos Stones", utilizadas como nosso objeto de estudo, o ciberespaço se apresenta como um condutor para a socialidade entre os fãs, uma maneira de desfrutar junto de um presente eterno. As discussões analisadas demonstram a prática de uma socialidade que enfatiza os jogos da aparência, o lúdico, o imaginário e os aspectos imateriais da existência. Foram detectadas maneiras de ser características, que servem de caminho para a compreensão do mundo e dos grupos sociais, onde a técnica e a sociedade se influenciam mutuamente.

O que se revela na contemporaneidade, principalmente através da presença dos fenômenos sociais das comunidades virtuais, é a aceleração dos efeitos da tribalização, do presenteísmo, da identificação e do "mundo imaginal", noções apresentadas por Maffesoli e descritas no decorrer deste trabalho. Este sujeito que aprendeu a se multiplicar, a construir várias identidades, encontrou um espaço onde o consenso é mais afetivo do que racional, e onde predomina a cultura do sentimento. As

comunidades virtuais propiciam, assim, um tipo de agrupamento social dos fãs dos Rolling Stones, através da trama dos imaginários do rock e da cibercultura.

Considerando-se o fato de que as comunidades virtuais são um fenômeno recente, proporcionando um panorama de como se reconfiguram as relações sociais dentro dos espaços virtuais, identificamos que estas são merecedoras de análises mais profundas, constituindo-se assim um vasto campo a ser explorado.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1**

**ANEXO 2**



**ANEXO 3**

**ANEXO 4**

**ANEXO 5**

**Fóruns da comunidade virtual: “Rolling Stones that’s it!”**

Terêncio- QUANTA INUTILIDADE! 01/04/2005 19:05

A MAIORIA DOS TÓPICOS AKI É INÚTIL... NÃO LEVA A NADA... PQ VCS NÃO CRIAM DEBATES MAIS INTERESSANTES? COMO POR EXEMPLO DISCUTIR ALGUMA LETRA, AS IDÉIAS PASSADAS PELA BANDA, COISAS ASSIM... PODEM COMEÇAR POR AKI... COLOQUEM O NOME DE ALGUMA MÚSICA Q A LETRA SEJA UM ENIGMA, E COLOQUE SUA INTERPRETAÇÃO, SUA OPINIÃO... SEI LA...

Tuca- Relaxa rapaz... 01/04/2005 19:08

It’s only rock’n roll...

Giselle Pio- Calma lá 02/04/2005 07:23

Rapaz estamos aqui para nos divertir, se quer algo mais cabeça ...abra um livro, Nem tudo na vida é só debates.Recado dado.

Dennis 02/04/2005 08:49

Poxa acho q vc não leu TODOS os tópicos...mas então pq o Dr. Debate ao invés de aparecer de 70 em 70 anos não lança alguma coisa debatedora??? vamos ver se sai alguma coisa de conteúdo....

Dennis 02/04/2005 08:52

Relaxa cara....aqui vc aprende se divertindo....hauhauhauha

Jorge Rodriguez 02/04/2005 12:43

Terêncio, comece você, por favor! Se você não reparou, nesta e nas outras comunidades dos Stones, há quase 1 ano, o pessoal já debateu intensamente um monte de coisas.

Isaba 02/04/2005 13:04

eu hein, você bem que deveria ouvir um pouco mais de rolling stones.ia ser muito mais feliz e deixar essa "raiva" acumulada ir embora rapidinho.

Literatura- VOCÊ É CÉTICO OU CRÉDULO? 02/11/2005 06:40

VOCÊ É CÉTICO OU CRÉDULO? Por Elenilson Nascimento Você acredita nas lágrimas da Virgem que chora no Vietnã? Você como eu, deva ser daqueles que acha que os céticos (principalmente os religiosos) são uns chatos, implicantes e sem imaginação? Talvez esteja na hora de mudarmos de opinião e descobrirmos o que vai na alma daqueles que não crêem em nada, nem na sua própria sombra. Mas, o que é ceticismo? Segundo o dicionário Houaiss, a palavra é um substantivo masculino, sinônimo de incredulidade, dúvida. Já cético é aquele que duvida ou descrê. É o oposto de crédulo, aquele que sempre acredita – que não tem dúvidas. Dúvida e principalmente descrença parecem, à primeira vista, palavras bastante negativas. Ceticismo, portanto, não deve ser um conceito dos mais simpáticos, não é mesmo? Não é bem assim. Suponhamos, por exemplo, que alguém lhe diga que um dragão que cospe fogo pelas ventas mora em sua garagem. Como você reagiria a essa afirmação? Leia mais no Portal LITERATURA CLANDESTINA:  
<http://hosting.pop.com.br/glx/literaturaclandestina/>

Raphael 02/11/2005 08:37

esse assunto e da menor relevância. aq e pra falar de stones e nao de merda de literatura clandestina seu fdp \_|\_

Charliton Alguém ajude 03/11/2005 10:42

Putz, meu! Tava tão legal aqui. Pq essas figuras tem aparecer onde não foram chamadas. Vai procurar uma comunidade pra vc...

**ANEXO 6**

**Fóruns da comunidade virtual: “Rolling Stones that’s it!”**

Dy- Qual foi a primeira? 03/08/2004 21:35

A primeira música que eu escutei dos Stones foi Lady Jane muitos anos atrás (1982). Fiquei apaixonada e depois disso não deixei de ouvir mais. Qual foi a primeira música que vc ouviu dos stones, vc lembra?

Rafael- Minha 1ª 04/08/2004 06:31

se não contar com Sympathy for the devil que a cláudia Ohana cantava naquela novela de vampiros, nem satisfaction (naquela época eu não sabia de nada)... a minha primeira foi Gimme Shelter, seguidas de Paint in Black e Mother's little Helper, no disco Hot Rocks... Comecei Bem, Não?!

Beto- angie... 04/08/2004 08:09

cara foi (angie) quando eu tinha uma banda de garagem e chegou um cara tocando essa musica linda com o violão...pirei e fui curtindo os coroas mais espertos do mercado musical!!

Dj Eder- Todas 05/08/2004 11:13 Sinceramente pensei, e nao consegui saber qual foi a primeira! Mas nem lembro com quantos anos comecei a gostar de Stones! Deve ter sido por volta dos 12 anos.

Marcio- Ihhhh 05/08/2004 18:15

Olha só, comecei a gostar mesmo quando fui no show deles em Sampa. Antes só curtia, mas não era fããããã que nem sou agora! Acho que deve ter sido Jumpin' Jack Flash... que é o nome da minha guitarra!! HAHAAH Eu AMO essa musica.... Mas, realmente.... cada dia gosto de uma diferente...  
Abraços...

Paulo- Jumping Jack Flash 05/08/2004 21:23

Isso mesmo!!! Eu nem me lembrava mais... eu devia ter uns 7 anos ou menos e durante o intervalo da Formula 1, existia uma propaganda da Esso que tinha um cover de Jumping Jack Flash. Eu fiquei a semana toda (ou o mês todo) tentando saber qual



era a música... daí conheci Satisfaction, que eu já tinha ouvido, mas nem sabia de quem era... a Jumping Jack Flash só fui ouvir de novo depois de muito tempo!

Marcelo- Satisfaction 06/08/2004 04:13

eu estava na 4ª série do primário se não me engano.. nunca vou esquecer.. voltando para casa, começou a tocar na rádio .. e uma amiga que estava comigo cantando bem alto igual louca.. foi emocionante hehe

Luciana- Foi o primeiro Show que eles fizeram no Brasil... 06/08/2004 05:17

Eu tinha uns 13 anos e qdo eu vi o show pela tv... eu pensei... são eles que cantam essas músicas( eu ouvia na rádio e não sabia que eram eles) e aí foi paixão a primeira vista!!! Eu não sei precisamente qual foi a primeira música, mas acho que Love is Strong.

Giselle Pio- No pré! 07/08/2004 04:29

Tinha uma festinha na escolinha todo final de mês, e cada um dos coleguinhas podiam levar um DISCO! (isso mesmo vinil) Pra tocar lá na festa, meu pai me emprestou o BLACK AND BLUE pra eu levar fez o maior sucesso. O professores ficaram chocados como uma criança de 5 anos podia ouvir aquilo...eheh Minha mão foi até chamada na escola pra falar sobre o assunto. A música foi HOT STUFF!!!

Vinícius- 09/08/2004 04:41

Já sabia quem eram os Stones, mas nunca tinha escutado, até ouvir Paint it Black, na abertura do seriado "combate no vietnã", que passava o SBT (quem lembra?) Daí foi paixão a primeira ouvida.

Allex- Iniciante...01/12/2005 09:40

Ae, eu estou começando a ouvir Rolling Stones, e queria saber se alguém poderia me recomendar alguns album ou musicas pra eu poder começar "pra valer". O que vc recomendariam??? vlw!

Marcos (Lelo)- vai aparecer tudo qto é opinião... 01/12/2005 12:08

mas eu acho q Tatto You é um bom começo... ele tem um apanhado de rock, blues, baladas que foram as marcas dos Stones durante sua trajetória. Depois acho q:- Let It Bleed- Sticky Fingers- Exile On Main Street- Voodoo Lounge. os anos 60 tem excelentes coisas [vide Jumpin Jack Flash, Honk Tonky Women, Street Fight Man, Under My Thumb, Let's Spend The Night Together, Lady Jane, Satisfaction, Sympathy for the Devil etc...] agora, como vc aparentemente nao conhece bem, talvez uma coletânea ajude a te dar melhor idéia do som da banda nese período e depois partir pra valer pros cds oficiais...

ramona- 01/12/2005 15:07

tatto you

Ricardo- 01/12/2005 17:05

Get Yer Ya Ya's Out

Denis- tem bastante cd bão 01/12/2005 17:51

meus preferidos são:

beggars banque

tbetween the buttons

let tbleed

stickyfingera

some girls

tattoo you

Ricardo - 02/12/2005 09:51

Começe já quebrando a banca com CIRCUS.

Rafael- esses são a essencia ( brian jones) 02/12/2005 16:29

12X5 (sensacional)1964

aftermath(criativo)1966

between the butons(rock-pop britanico)1967

beggars banquet(sons acusticos com rock)1968

let it bleed( puro rock)1969

e por fim get yer ya yas out (ao vivo resumindo todos)1971

o resto sem brian jones é bom, mas poderia ser melhor.

Vandrê- Se quiser entrar de sola... 06/12/2005 19:03

Se quiser entrar de sola no mundo os Stones ouça esses: Let it Bleed, Beggars Banquet, Sticky Fingers

Débora- Alguem poderia me ajudar? 26/10/2005 17:37

Oi pessoal! Estou afim de conhecer mais o trabalho dos Stones, que eu sei que é maravilhoso.Vocês poderiam me dizer o nome dos discos mais famosos deles? Eu agradeceria muito.

Raphael - 26/10/2005 18:00

eu fiz assim:qdo entrei aq conhecia muito pouco entao baixei a discografia completa dividida pelas decadas no emule no torrent tb faça bom proveito

Michel=- Tentar ouvir esses aqui: 26/10/2005 21:09

1968 - Beggars Banquet

1969 - Let It Bleed

1971 - Sticky Fingers

1972 - Exile on Main St.

Essas são as 4 obras primas da banda

27/10/2005 04:20

Marcelo- Não se esqueçam do do Tatto You, de 1981, que é simplesmente DUCARALHO, e para o qual criei uma comuna direcionada por este link aí. Todos estão intimados! Lembremos de Start Me Up, do blusão Black Limousine, do punção Neighbors, da pedrada que é Hang Fire e das baladas Waiting On A Friend e Tops.

Maurício - stones prá iniciantes 27/10/2005 04:59

menina Débora: Esses cinco que foram citados são realmente obras primas.Só tem uma coisa ;ouça curtindo pausadamente um a um, e você vai ver porque os velhinhos transviados ainda são a maior banda de rock do planeta.Procure também ver os shows, principalmente os dois do Rio.Seja feliz

Ellen- 28/10/2005 14:25

Eu amo o início da carreira... 12X5 Now!- Bettween The Bottons- AfterMath=)

Mild7 Deebora... 29/10/2005 09:23

Escute primeiro STILL LIFE,esse disco com certeza voce vai sentir a melhor banda rock se possivel veja esse show

Débora- 29/10/2005 17:07

Obrigada pelas dicas...Estou procurando e baixando esses álbuns. Tô gostando muito. Valeu mesmo!!

**ANEXO 7**

### **Fórum da Comunidade Virtual- “Eu vou no show dos Stones”**

Alex- Data Confirmada - 14 de Fevereiro 10/05/2005 21:08  
05/10/2005 - 19h33m

Rolling Stones anunciam show na praia de Copacabana em fevereiro de 2006  
O Globo Agências Internacionais

Mariângela- 11/05/2005 04:33  
he he estarei em copacabana 2006!!!!!!

Christiano- 14 de fevereiro de 2006, terça-feira! 11/05/2005 06:39  
Sério?  
Terça-feira?  
Carái!  
Vamos nessa!  
Caravana de Salvador chegando!

**Mauricio- Só acredito no dia 11/05/2005 08:29**

**DUVIDO q façam e copa, e de graça. E duvido mas ainda q não venham pra sampa também. Ja escrevi isso em outro comentario... é muito dificil fazer um show de graça, aidna mais desse tamanho. E nem venham comparando com o show do Lenny, pq não tem comparação. o dos Stones é muito maior. Se o so LK ja parou a cidade, em plena segunda feira, imagine stones... daria uma merda do tamanho do mundo. Além disso, duvido q, estando aqui, não viriam à São Paulo... a maior cidade, com maior publico e maior grana.... é claro q iriam faturar algum aqui. Bem, só resumindo pois to na correria. Abraços!**

Luciana 11/05/2005 09:57

Concordo com tudo o que você disse. Mas poxa vida, se for só no Rio, numa terça feira, é sacanagem da gorda. Mas Stones é Stones e farei esse sacrifício de matar o trampo pra ir no show. Hahahaha Mas duvido que não venham pra Sampa.

**Gabriel não vale!!!!!!!!!!!! 11/05/2005 11:12**

**nem acredito q os caras vêm de novo pro Brasil.....show, a única sacanagem é se eles realmente só tocarem no Rio, e ainda mais em apresentação aberta e de graça! Resumindo: só artistas e etc...vão conseguir assistir ao show decentemente...que bosta! mas beleza, começar a rezar desde já pra não esquecerem de Sampa.....valeu!!!!**

**Paula Vou aonde for 11/05/2005 12:30**

**Duvido que não tenha em SP...Apesar de ser do Rio...Vou onde tiver o show... Rio SP e quem sabe em Salvador ou Porto Alegre!!! Já tentei buscar algum contato**

**do Niemeyer (Empresário responsável) mas não consigo e-mail e nem nada...se alguém conseguir...**

Junior Será mesmo???? 12/05/2005 07:12

Fui em 1998 e fiquei morrendo de medo dos "velhinhos" se aposentarem antes de eu ir novamente a um show deles. Nem acreditei quando saiu a notícia. Está confirmado mesmo????? Acho bem provável que façam um também em São Paulo. Será? Vamos aguardar...

Luciano Pardal 11/06/2005 17:56

Na minha curta vida eu voh teh experiência única... Bom rock e energia... a banda mais completa do mundo! Copacabana It's Only Rock n'Roll!

**Fórum da comunidade virtual: “*Rolling Stones that’s it*”**

Cainho- Nova turnê 12/04/2005 12:56

Os Rolling Stones iniciam em agosto, na cidade americana de Boston, uma turnê mundial que deverá durar um ano. Há notícias não confirmadas sobre a gravação de um álbum que seria o primeiro de inéditas desde "Bridges to Babylon", de 1997. Informações do Ananova.

Rapahel 13/04/2005 14:10

alguem sabe dizer se e verdade. tem gente falando q e a ultima turne deles. a noticia saiu no the sun

Paula- 13/04/2005 15:10

o que existe é só especulação. a resposta, só eles podem dar. devem estar se divertindo com as notícias

Dario 13/04/2005 22:38

agora nao tem desculpa, a cidade maravilhosa tem q entrar na turne...

Cainho- Stones no Rio! 20/04/2005 20:57

Os Rolling Stones vão tocar de novo no Brasil. O empresário Luiz Oscar Niemeyer, ex-presidente da BMG, acerta os últimos detalhes da vinda da banda, em janeiro.

A idéia é fazer um show na Praia de Copacabana, no Rio, com a turma do Afro Reggae, de Vigário Geral, abrindo a noite.

Fonte: O Globo

Dario 16/04/2005 19:27

é sacanagem ou é verdade? cidade maravilhosa em fevereiro? e sum paulo nao entra?

**Fórum da comunidade virtual “Rolling Stones that’s it!”**

Fernando- Show de graça??? 28/05/2005 16:10

**Gente, acabei de ficar sabendo (através desta comunidade) que o show será na praia de copacabana. Mas ele será de graça??? Se não, como estão cotados os preços??? de qq jeito eu vou mesmo, mas sabe como que é, né? economizar um pouco nao faz mal...**

Manoela- Sim! 29/05/2005 13:34

**Sim, o show no Rio de Janeiro será na praia de Copacabana TOTALMENTE gratuito!!! A data prevista para o show é dia 14 de fevereiro!!!**

Fernando- É perigoso??? 31/05/2005 16:14

**Desculpe se essa pergunta vai ofender alguém, mas tem uns 5 anos que eu não vou ao Rio (que aliás eu adoro!) e por morar no interior tb... Mas, mesmo assim, não é perigoso ir num show de graça na praia de copacabana? digo por questões de assalto, furto, excesso de público, falta de policiamento/segurança? Alguem foi no show do Fat Boy Slim??? foi tranquilo???**

MaNu- =] 31/05/2005 16:22

**Intaum... Gostaria de saber bem certinho, se vai ser dia 14 ou dia 18... E se vai ser só no rio de Janeiro mesmo...E estou com a mesma duvida que vc... vai ter segurança lah?? Alem que pra assisti Stones vale tudo... HeHeHe...**

Larissa- 01/06/2005 06:47

é..o negócio vai ser se aventurar no Rio mesmo...haahahah Mas eu ainda tenho esperança que eles façam um show em sampa..

Marcelo- Pago mas... 02/06/2005 12:54

**É eu acho que o fato segurança é oq mais preocupa, porque sei que fariamos qualquer coisa para ver o Stones... E nao é pq é no Rio, mas um show aberto em qualquer lugar sempre surge pessoas com segundas intenções...**

Sei que ficaria caro mas eu gostaria muito de ver eles tocando no Maracanã..

Abração do Negrão

Luciana-Segurança... 22/06/2005 14:48

**Sem ofenças...mas a Rosinha Mateus vai contratar os Hell Angels para a segurança...hehehehehehe**



### **Fórum da comunidade virtual: “Eu vou no show dos Stones”**

Pedro Henrique-Confirmação de Dados 15/11/2005 15:00

Galera, Não acompanho muito as notícias. Me confirmem: 18 de Fevereiro de 2006, praia de Copacabana, Rio de Janeiro, na faixa???? Muito obrigado

Jimmy- Isso ai..... 18/11/2005 14:53

isso ai esta tudo certo kra..... ate agora infelizmente nao tem nada marcado em sampa que seria bem melhor pra assistir o show

José Henrique- faltou uma coisa... 21/11/2005 08:37

quem abre o show eh o afroreggae

Leandro- 28/11/2005 05:54

Além do afroreggae, ainda especula-se que terá um outro ato de abertura....será q novamente sera o barão? vamos aguardar pra ver.....cheers;P

Samuel- BARÃO? 09/12/2005 07:16

Q EEEEESSSSO!!! ENTÃO VAI SER UM SHOWZAÇO!!!TÁ MELHOR Q ROCK N' RIO.DISSERAM Q O RAUL VAI DAR UMA PALHINHA DO ALÉM

**Aurélio- BIRISTONES - Tributo do Birinight aos Stones 09/12/2005 13:35**

**É só pra avisar que quem é do RIO, o Birinight vai fazer shows em janeiro e fevereiro de 2006 com repertório dos Stones. Os shows serão na praia do Recreio, em bares da Barra da Tijuca, culminando com o grande evento no Nectar em Vargem Grande, no dia 11/02/2006, no qual os grupos de motoqueiros farão a segurança. Pra quem não conhece o Nectar, o lugar tem tudo a ver. Quem comprou sapato novo, favor guardar o papel...Vejo vcs lá!**

Pedro Henrique- 11/12/2005 06:49

Então vamos aguardar as confirmações... Obrigado pelas informações!!!! Abraços a todos!!! Nos vemos por lá!

### **Fórum da comunidade virtual: “Eu vou no show dos Stones”**

David- MSN de quem vai? (VAMOS NOS ENCONTRAR LÁ) 15/11/2005 12:04

Digam abaixo seus MSN para irmos conversando de uma maneira de encontrarmos essa comunidade inteira lá no show!!! ANOTEM AÍ! beatlestonolli@hotmail.com

José Henrique eu vou... 21/11/2005 08:38  
to saído de prudente dia 17, henriqueacre@hotmail.com

Juliana- Eu Vouuu 26/11/2005 13:52  
Eu vo sai daki da zona norte santana ... meu msn é july\_porto9@hotmail.com...

Leandro - Eu Vouuuu 28/11/2005 05:52  
Bom eu já sou aki do rio mesmo ehee..... leandro794@msn.com

Carlos- meu msn 04/12/2005 09:53  
EU VOU - policarpojr@hotmail.com

Samuel- Claro Brow! 05/12/2005 14:20  
Eu vou galera! Ao estilo Che de motocicleta, pela Estrada Real.  
Sigam-me! Msn: cantordemambo@uai.com.br É esse mesmo! Pode acreditar, rs

Ricardo EU VOU !!! 18/12/2005 15:53  
eu vou, meu msm ricardotbcano@hotmail.com

**Fórum da comunidade virtual: "Eu vou no show dos Stones"**

Paula- De onde você vai sair? (Vamos nos organizar) 16/05/2005 10:16

A intenção aqui é nos organizarmos, e possivelmente montar grupos para ir ao famigerado show. Provavelmente sairei de Guaratinguetá-SP,

Manoela- Eu sairei... 17/05/2005 06:13

Pois é...ótima idéia!!! Eu sairei de Porto Alegre/RS. Mais alguém sairá aqui do Sul???

Alessandro- Belo Horizonte-MG 17/05/2005 07:06

Se tiver alguém indo de Beagá..... Mas vai ter esse show mesmo???

Larissa- sul 17/05/2005 11:26

eu sou do sul tb manú. só que eu sou de Curitiba. Curitibanos, cade vcs????????

Manoela- Pois é... 18/05/2005 06:33

Ainda não sei se irei de carro...mas se for aviso! Eu sei que o Filipe Correa (que faz parte desta comunidade), também é de Curitiba!!! Bjos!

Rodrigo - Aí, pessoal! 19/05/2005 21:25

Sou de Porto Alegre, como a Manu, e pretendo ir em dois shows da Tour...no Rio e em Buenos Aires...e tá rolando num boato de que talvez role em Montevideú tb... Abração! STONES 4 EVER

Manoela- Você tb é de POA!!! 20/05/2005 16:42

Rodrigo, vc também é de POA??? LEGAL!!! Porque pretendes ir nos dois shows??? Pensa em ir com alguma scursão ou sozinho??? Bem...até lá podemos combinar algo, né??? Bjos!

Rodrigo- bala, Manu!! 22/05/2005 17:52

Manu! Ainda não sei como vou fazer, mas pensei em ir no de Buenos Aires por ser um show clássico deles...em estádio e tals. Quero ter essa experiência! Nunca fui...vou morrer feliz se conseguir ir...hehehe E nesse quero ir de excursão. E quero ir no do Rio porque vai ser histórico...na praia e tudo mais...e é Brasil! Além disso, quero poder ir em quantos shows eu conseguir! hehe... Nesse acho que vou por conta! la ser muito massa combinarmos de ir...de repente juntamos uma galera! Bala! Vamos nos falando!

Marcelo- Vitoria - Espirito Santo 23/05/2005 06:33

Estou a apenas 7 horas de viagem!!! "e janeiro que nao chega..rsrsrs"

Leandro- 23/05/2005 19:09

porto alegre, n sei como vou

Manoela- Leandro!!! 24/05/2005 09:53

Oi Leandro!!! Tem mais gente de Porto Alegre aqui!!! Vamos reunir a galera e combinar de irmos juntos!!! Nos falamos... Bjos.

Quero muitooooo ir !! 25/05/2005 18:28

Farei de tudo para não perder esse show!Pelo jeito pode ser a ultima oportunidade, depois sabe lá o que vai acontecer...

Juliana- Sul 30/05/2005 06:44

Eu tbem vou sair de Porto Alegre. Estou pensando em ir no show de Buenos Aires, porque esse show de Copacabana de graça me parece uma indiada.:)

Bia- Vou tb com meu paiiii 03/06/2005 22:40

eeeeee.... até q enfim completei meus 18 anos, e vou poder ver os Stones!!! Com certza, irei... adoro as músicas deles... desde pekena. Somos de Sampa Capital, qq coisa estamos aí... Bjusssss

MaNu- Cascavel - PR 09/06/2005 14:16

Tem idade pra ih assisti o show? Com tanto que esteja com um responsavel num tem problema neh?? Vo saí de Cascavel PR... Alguem aki de perto????

## REFERÊNCIAS

BANDRÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas: Papyrus, 1990.

-----**A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

-----**Simulacro e Simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

-----**Tela total. Mito-ironias da era do Virtual e da Imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

CHRISTENSON, Peter G; ROBERTS F. Donald. **It's not only rock & roll: popular music in the lives of adolescents**. New Jersey: Hampton Press, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

EWING Jon. **The Rolling Stones: dito e não dito**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity**. Standford: Standford University Press, 1991

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LE MOS, André; PALACIOS, Marcos (org.) **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre, Sulina, 2001.

----- . **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: editora 34, 1993.

----- . **O que é virtual?** São Paulo: editora 34, 1996.

----- . **Cibercultura.** São Paulo: editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Giles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

----- . **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

----- . **A Parte do Diabo. Resumo da Subvenção Pós-Moderna.** Rio de Janeiro, Record, 2004.

----- . **A transfiguração do político: a tribalização do mundo.** Porto Alegre, Editora Sulina, 1997.

----- . **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

----- . **No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

----- . **O conhecimento comum. Compêndio de sociologia compreensiva.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

----- . **O tempo das tribos.** Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (org). **A genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário.** Porto Alegre, Sulina: 2004.

----- . **Para Navegar no século XXI- Tecnologias do imaginário e cibercultura.** Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

MORIN, Edgar; SILVA, Juremir Machado. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente.** Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001.

----- . **Cultura de massas no século XX: neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

----- . **O Método. Volume 1- A natureza da natureza.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

- . **O Método. Volume 2- A vida da vida.** Porto Alegre: Sulina, 2001.
- . **O Método. Volume 3- conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999.
- . **O Método. Volume 4- As idéias. Habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 2001.
- . **O Método . Volume 5- A Humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2002.
- ; KERN, Brigitte Anne. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 1995.
- RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the eletronic frontier.** Massachusetts: The MIT Press, 2000
- RODRIGUES, Nélio. **Os Rolling Stones no Brasil- do descobrimento a conquista.** Rio de Janeiro: Ampersand, 2000.
- SEMINÁRIO: **COMUNICAÇÃO, IMAGINÁRIO SOCIAL E PÓS-MODERNIDADE,** 2004, PUCRS. Porto Alegre.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

## **SITES**

<http://mtv.com.br>

<http://www.orkut.com>

<http://www.rollingstones.com>

<http://terra.com.br>

<http://www.whiplash.net>

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)